

Ednalva Fernandes Cardoso

**Delinquência Juvenil na Cidade da Praia
(Cabo Verde)**

Orientadora: Valentina Chitas

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa

2014

Ednalva Fernandes Cardoso

**Delinquência Juvenil na Cidade da Praia
(Cabo Verde)**

Dissertação apresentada para obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Forense e da Exclusão Social no curso de Mestrado em Psicologia Forense e da Exclusão Social conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Orientadora: Professora Doutora Valentina Chitas

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa

2014

“Não é fácil estabelecer-se uma etiologia da criminalidade juvenil porque os fatores endógenos e exógenos são variados e variáveis. É possível, no entanto, á margem de quaisquer escolas ou correntes apontar factos que predispõem á delinquência no jovem”

(Moura, 2000)

Dedicatória

À memória do meu Avô Alberto Fernandes Barbosa, aquele senhor que sempre nos mostrou a verdadeira importância dos estudos.

Agradecimentos

A concretização desse trabalho só foi possível com muita persistência e resistência pessoal e ajuda de pessoas amigas, colegas, e como não poderia deixar de ser aquela que é considerada a base de tudo a minha família.

Em especial aos meus pais, João Pedro Teixeira Cardoso e Maria Fernandes Barbosa, a minhas irmãs Jackie Martins Cardoso e Joceneide Fernandes Cardoso.

Agradeço aquela que é a orientadora deste estudo, minha eterna gratidão pela disponibilidade, atenção, sugestões, compreensão, e sabias palavras, Professora Valentina Chitas.

Agradeço igualmente aos professores da Faculdade de Psicologia, Carlos Poiães, Alexandra Figueira, Tânia Borjel, Maria Louro, Eduardo Figueira, João Pedro Oliveira, por toda a dedicação, encorajamento e transmissão de conhecimentos que fizeram com que fosse possível a realização deste mestrado.

Ainda, aos amigos Sheila Sousa, Arianne Sousa e Tiago Guimarães, obrigada, pelo apoio e presença sempre incentivadora acreditando sempre que era capaz.

Enfim, um muito obrigado a Deus por me conceder força e persistência para superar todo este percurso.

Obrigada.

Resumo

O presente trabalho centra-se no estudo da Delinquência Juvenil na realidade Cabo-Verdiana, mais concretamente na Cidade da Praia. Este fenómeno está a atingir a juventude de modo particularmente preocupante, devido às inúmeras alterações de carácter cultural, social e/ou económica.

Em todo o plano social Cabo-verdiano a delinquência juvenil constitui objeto de preocupação, ainda que nem todos os locais registem o mesmo número de incidências desviantes e a gravidade dos atos possa também ser destinta. Mesmo assim, é considerada uma prioridade de intervenção no que concerne aos objetivos estratégicos para o desenvolvimento social.

Quando falamos de delinquência Juvenil, importa não só analisar as variáveis individuais mas também familiares, sociais, e culturais, consideradas como fatores de risco, que podem estar na base do aumento da criminalidade desta cidade, principalmente quando os atores são jovens e na sua maioria menores de idade.

Na presente dissertação, na primeira parte, foi realizado um enquadramento teórico sobre o tema, onde para além de uma revisão das teorias explicativas sobre a delinquência ao longo dos tempos, foram igualmente abordados os vários fatores causais que podem estar associados à prática da delinquência.

Adicionalmente, procurou-se contextualizar a problemática da delinquência juvenil na realidade cabo-verdiana, através do recurso a uma análise documental. Abordou-se em particular um dos fenómenos que mais têm causado problemas em relação ao aumento da criminalidade em Cabo Verde, nomeadamente a associação de grupos constituídos apenas por jovens que estão a espalhar pânico social naquele país conhecido como o fenómeno dos “Thugs”.

Numa segunda fase, numa vertente mais prática, realizou-se uma entrevista estruturada, junto de uma amostra de jovens Cabo-verdianos oriundos de meios desfavorecidos, onde a prevalência deste fenómeno se evidencia, a fim de compreender esta problemática, realçando mais a questão dos fatores impulsores da delinquência juvenil.

Palavras-chaves: Adolescência; Delinquência; Fatores de Risco

Abstract

This paper focuses on the study of Juvenile Delinquency in reality Cape Verdean, specifically in Praia. This phenomenon is reaching particularly alarming youth, because of the numerous changes of cultural, social and / or economic character. In any social plan Cape Verdean youth crime is a matter of concern, although not all local record the same number of deviant incidences and severity of the acts can also be distinct. Still, an intervention priority is considered in relation to the strategic objectives for social development.

When we speak of Juvenile delinquency is important not only to analyze individual variables but also family, social, and cultural, considered as risk factors that may underlie the increase of crime in this city, especially when the actors are young and mostly minors.

In this thesis, the first part was carried out a theoretical framework on the subject, where in addition to a review of explanatory theories of delinquency over time, were also discussed, causal factors that may be associated with the practice of delinquency. In addition, we tried to contextualize the problem of juvenile delinquency in the Cape Verdean reality, through the use of documentary analysis. Addressed in particular one of the phenomena that have caused more problems in relation to the increase of crime in Cape Verde which is the association of groups united only by young people who are spreading social panic in the country known as the phenomenon of "Thugs". In a second phase, a more practical side, there was a structured interview with a sample of young people of Cape Verde from disadvantaged backgrounds where the prevalence of this phenomenon is evident in order to understand this issue, stressing more the issue of impellers factors of juvenile delinquency.

Keywords: Adolescence; Delinquency; Risk Factors.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO:	10
Capítulo I: Enquadramento Teórico	14
1.1 Diferentes perspetivas acerca do conceito da Delinquência Juvenil	14
1.2 Teorias Explicativas da Delinquência Juvenil	16
1.2.1 <i>Teoria do Controle Social:</i>	17
1.2.2 <i>Teoria do Laço Social de Hirshi:</i>	18
1.2.3 <i>Teoria da Subcultura Delinquente:</i>	19
1.2.4 <i>A visão de Moffitt (1993)</i>	20
1.2.5 <i>A visão de Merton (1938)</i>	22
1.3 Fatores de Risco e de Proteção da Delinquência Juvenil.....	23
Capítulo II. Contextualização da problemática juvenil em Cabo Verde	25
2.1 Fatores de Risco da Delinquência Juvenil no Contexto Cabo-verdiano	27
2.1.1 Fator de Risco -Família.....	27
2.1.2 Fator de Risco -Escola.....	30
2.1.3 Fator de Risco -Consumo de substâncias (i) lícitas.....	32
2.1.4 Fator de Risco - Sociais:.....	35
2.2 O fenómeno de grupos em Cabo Verde	36
2.3 Efeitos da violência dos média na construção social do fenómeno da delinquência juvenil	41
Capítulo III. A delinquência juvenil: breve enquadramento legislativo	44
3.1 Regime específico dos jovens em conflito com a lei- Legislação	44
3.2 Análise Comparativa entre a Lei Tutelar Educativa Portuguesa e Cabo-verdiana	46
Parte II: Estudo Empírico	49
1. <u>Introdução</u>	49
2. <u>Definição dos objetivos</u>	50
3. <u>Metodologia</u>	50
4. <u>Apresentação e Análise de Resultados</u>	52
5. <u>Discussão de Resultados</u>	57
6. <u>Conclusão</u>	61
Referencias Bibliográficas	63
Anexos	68

ABREVIATURAS

DL- Decreto-lei

Art.º- Artigo

LTE- Lei Tutelar Educativa

QUIBB-CV Questionário Unificado de Indicadores Básicos de Bem-estar dos Cabo-Verdianos

INE Instituto Nacional de Estatísticas

DSM-V- Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais.

BIC- Brigada de Investigação Criminal

BAC- Brigada Anti-Crime

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1- Guião de entrevista utilizado na recolha de dados no âmbito do estudo empírico

INTRODUÇÃO:

A presente dissertação, apresentada no âmbito do Mestrado em Psicologia Forense e da Exclusão Social, tem como principal objetivo compreender o aumento da criminalidade juvenil em Cabo Verde, bem como os fatores de risco que podem estar associados a este fenómeno.

Temas como delinquência juvenil, criminalidade, desvio comportamental por parte dos jovens, estão sempre na ordem do dia, tanto nos estudos das ciências sociais, como na sociedade em geral, procurando sempre a sua compreensão ou meios/estratégias de combate a este flagelo.

Das várias vertentes possíveis na abordagem destas temáticas, propõe-se aqui a análise da problemática da delinquência juvenil numa realidade completamente diferente da portuguesa, uma realidade onde a cultura, a educação, o modo de vida é completamente distinto.

A adolescência é uma fase em que, independentemente do país ou da cultura, podemos encontrar sempre um ponto comum. Trata-se de um período da vida onde há lugar a um conjunto de alterações físicas, psicológicas e sociais que alteram o comportamento dos jovens. A adolescência é assim considerada uma fase fundamental na vida de um indivíduo, e pode ser um processo bastante duradouro e difícil no que toca as diversas transformações inerentes a própria fase que atravessam (Dias, 1997; Negreiros 2010).

É na adolescência que surgem problemas de vários níveis, nomeadamente com a identidade, mudanças físicas que muitas vezes não são acompanhadas pela maturidade psicológica para entender essas transformações, alterações na conduta, a recusa de valores impostos pelos pais ou educadores, procura de originalidade e ser diferente, novas descobertas, desejo de independência (Born, 2005). Consequentemente, por estas razões aqui elencadas, se estas mudanças não forem devidamente acompanhadas, podem conduzir o adolescente a fugas para caminhos que normalmente não são positivos, pois levam o jovem a adoção de condutas de risco ou desviantes.

Podemos encontrar várias áreas do saber que deram o seu contributo nesta matéria. Existem os defensores de que se trata apenas de um período passageiro onde esses

comportamentos fazem parte do próprio crescimento do adolescente. É normal e saudável, faz parte do desenvolvimento, enquanto, numa perspetiva jurídico-penal, essas condutas são vistas como atos tipificados na lei. Esses atos podem começar com pequenos delitos, como um simples roubo de bens alimentícios ao supermercado, como pode passar para atos de vandalismos onde é degradado o património público, ou mesmo situações mais graves que podem chegar até à prática de crimes contra pessoas.

Esse tipo de comportamentos quando cometidos por adolescentes, despertam interesse por parte da sociedade, e por esta razão, tem sido alvo de muitos estudos em diversos países, em diferentes contextos.

Desde os primeiros tempos registados pela história que os problemas da adolescência tiveram importância para a sociedade. Platão preocupou-se com a inconstância dos jovens e dedicou o Livro III de A Republica aos métodos de educação da juventude tendo em vista uma cidadania adulta e responsável... (Weine, 1995).

Na capital Cabo-verdiana, a problemática da delinquência juvenil está cada vez mais na ordem do dia e é gritante a situação vivenciada no país. É um assunto cada vez mais noticiado, causando um sentimento de medo e insegurança, pois a violência urbana tomou proporções cada vez maiores, sendo as autoridades locais obrigadas a adotarem medidas urgentes para combater e reverter essa realidade e reconhecer que se trata de um efetivo problema social merecedora de uma atenção especial.

No decorrer dos últimos doze anos, ocorreram um pouco por todo o país casos de homicídio, agressão, violação de pessoas de sexo diferente bem como do mesmo sexo, assaltos a mão armada, tráfico de drogas, vandalismo, entre outros. Todos esses atos praticados principalmente por jovens encontram-se centrados principalmente nos centros urbanos, particularmente na Cidade da Praia, capital da ilha de Santiago onde este problema é emergente, e chegando a ser praticados muitas vezes no próprio meio escolar.

Sendo assim, a escolha do tema foi de carácter pessoal e profissional, pois o interesse pelo estudo da delinquência juvenil e do aumento da criminalidade no contexto cabo-verdiano foi despertado enquanto andava no terreno como estagiária, no Tribunal da Praia. Nesta função, houve a oportunidade de observar essa problemática de perto, de observar jovens em conflito com a lei, o que naturalmente enquanto pessoa/observadora acabou por despertar a necessidade de compreensão deste fenómeno.

Adicionalmente, existe um desejo de contribuir para um maior conhecimento sobre uma outra cultura, uma outra realidade que não a Portuguesa, pois trata-se de uma realidade onde pouco se tem explorado a temática da delinquência juvenil no que toca a estudos/investigações científicas. Assim, consciente desta lacuna, neste estudo, pretende-se contribuir para um aprofundamento dos conhecimentos e reflexão acerca desta problemática.

No presente estudo, define-se como principal objetivo, analisar quais são os fatores considerados como determinantes para o comportamento delinvente dos jovens desta cidade, procurando analisar quatro variáveis que podem estar associados a esta problemática, nomeadamente: a família no que toca a sua desestruturação ou o papel que desempenha; a escola identificando problemas como o abandono escolar ou as indisciplinas em contexto escolar; o consumo de substâncias (i) lícitas, e ainda os fatores sociais/culturais que possam estar associados a esta problemática tendo em conta o contexto/realidade em estudo.

Quando procuramos perceber esta problemática, a primeira interrogação que surge quando esses comportamentos violentos são adotados por jovens é o porquê destes comportamentos. O que mudou na sociedade em questão? O que fez com que esse fenómeno desenvolvesse de forma tão repentina? O que se passou com a sociedade cabo-verdiana para se chegar a este nível de violência? O que leva certos jovens a ultrapassar as normas sociais adotando comportamentos delinquentes? Estas são algumas das questões para refletir, dada a dimensão que o fenómeno da delinquência juvenil tem assumido na sociedade cabo-verdiana.

Vários autores identificaram diferentes fatores como sendo determinantes para adoção dos comportamentos delinquentes na adolescência, nomeadamente a pobreza, desemprego, ausência de políticas públicas para a juventude, o consumo de álcool e das

drogas, o abandono escolar, disfunções familiares entre outros (Negreiros, 2008; Jessor 1995).

Em Cabo Verde, apesar de muitos jovens já se envolveram ainda que pontualmente em algum ato transgressivo ou violento, apenas uma parte será alvo do estudo, ou seja, a amostra utilizada é constituída por jovens que já cometeram ou ainda cometem tais atos transgressivos ou ilegais de forma persistente e continuada pertencente a grupos ou Gangs. São eles oriundos de Achada Santo António (Brasil), Meio de Achada, Várzea e Achadinha, todos eles inseridos dentro da cidade da praia, onde há lugar a uma pobreza extrema, e a maioria já se encontra excluído do meio escolar.

Este estudo está dividido em duas partes complementares, sendo que na primeira se realizou um enquadramento teórico do tema, revendo as teorias que marcam a explicação do fenómeno em estudo, realizando uma análise sobre os fatores de risco que podem estar associados a esta problemática e contextualizando o problema na realidade Cabo-verdiana. Este último ponto através do recurso à consulta de diversos artigos de opinião publicados na imprensa local e de alguns trabalhos desenvolvidos por estudiosos desta matéria.

A segunda fase da dissertação dedicou-se ao estudo empírico, tendo sido realizado uma entrevista aos jovens atores deste fenómeno, no sentido de obter alguma informação acerca das suas características individuais e familiares, do seu modo de vida e do meio onde estão inseridos.

Por último, analisam-se e discutem-se os resultados deste trabalho empírico, na sua relação com a análise contextual da problemática em estudo realizada na primeira parte da dissertação e com as teorias revistas.

Capítulo I: Enquadramento Teórico

1.1 Diferentes perspetivas acerca do conceito da Delinquência Juvenil

Para uma melhor compreensão do fenómeno da delinquência juvenil torna-se necessário antes de mais conhecer o seu conceito, uma vez que se trata de um fenómeno que é muito abrangente e com contornos bastantes heterogéneos.

A delinquência pode definir-se como todos os comportamentos problemáticos que se manifestam no decurso de transição dos jovens para a vida adulta, sendo entendidos como comportamentos de quebra de condutas sociais convencionais que o individuo manifesta decorrentes de um processo de socialização juvenil (Carvalho, 2003).

A delinquência juvenil esteve sempre associada às mais complexas consequências sociais, e assim sendo, vários foram os domínios das ciências sociais e humanas como o Direito, Psicologia, Sociologia, Biologia, e a Antropologia que aprofundaram o estudo sobre as causas e a melhor forma de combater este flagelo social, e, dependendo da área em questão podem ser adotadas diferentes definições (Negreiros, 2010). No que respeita à definição legal, podemos dizer que de uma forma geral, o conceito de delinquência juvenil traduz-se na prática de atos tipificados na lei como crime. Silva (2010), ainda acrescenta, que a delinquência juvenil é todo o tipo de infração criminal que acontece durante a infância e a adolescência, envolvendo um conjunto de respostas e de intervenções institucionais e legais em relação a jovens que cometem infrações criminais.

Juridicamente falando, pode dizer-se, que delinquente é todo aquele que transgride as normas jurídicas e estes comportamentos podem ir desde a prática de crimes como roubo, pequenos furtos, até casos mais relevantes como ofensa a integridade física, assaltos a mão armada, homicídios e violações.

A delinquência do ponto de vista da Psicologia tem outro tipo de interpretação. Pois trata-se de uma ciência onde o foco principal é no individuo e a compreensão dos seus comportamentos. Nesta perspetiva a delinquência juvenil é definida como comportamento antissocial, ou seja, é considerado como todo o tipo de comportamento que de um modo geral leva á violação de normas ou expectativas socialmente aceites, como é o caso de furtos, vandalismo, atos agressivos contra pessoas (Negreiros, 2010).

Várias são as referências a favor de uma explicação psicológica ou psicossocial da delinquência, (Megargee, 1966; Glaser, 1978/79; Costa & Widiger. 1994. Myers 2006),

Diferentes estudos ao longo do tempo debruçaram-se sobre as variáveis específicas associadas a este fenómeno nomeadamente, a personalidade, fatores familiares, sociais (Goncalves, 2008). No âmbito da psicologia, a compreensão do fenómeno da delinquência encontra-se mais centrada no sujeito que pratica esses comportamentos e nos fatores contextuais determinantes do mesmo. Assim, numa perspetiva clinica, esta definição pode ser vista como uma perturbação no comportamento, ou como um comportamento antissocial. Perturbação no comportamento refere-se ao comportamento que infringe regras sociais, ou são violados direitos básicos, muitas vezes em ações contra o outro, que pode ir desde uma simples fuga de casa, mentiras, crueldades físicas com pessoas ou animais, e até a práticas mais violentas e graves (DSM-V,2013).

Estes comportamentos são vistos do ponto de vista psicológico, como transgressões das regras sociais. Furtar algo no supermercado, práticas de vandalismo, fugas de casa, Crueldade com animais, ou outro tipo de comportamento, são consideradas como transgressões, transgressões em relação as normas ditadas pela sociedade, mas são também consideradas como práticas normais da idade, ou seja, comportamentos que fazem parte da adolescência (Strecht,2006).

Mas já outros autores defendem que a delinquência encontra a sua explicação na adoção de um comportamento antissocial (Negreiros,2001), comportamento esse, que faz parte das perturbações da personalidade, ou seja são padrões de comportamentos que dificultam o funcionamento social de uma pessoa. A personalidade anti-social expressa pouco pesar com a violação de direitos dos outros, tendo o seu início na infância ou na adolescência e podendo ir até a idade adulta. Este tipo de personalidade é uma combinação de aspetos biológicos e psicológicos. Normalmente são indivíduos com um risco muito elevado para a criminalidade pois nesses não há lugar a remorsos ou medo, e são altamente manipuladores, adotando comportamentos que atentam contra a integridade das pessoas, roubos, destruição de património, entre outros e consequentemente, é frequente terem problemas com a lei. Mas do ponto de vista desta perspetiva, estes indivíduos só adotam estes comportamentos porque têm esse tipo de transtorno ou distúrbio (Negreiros, 2001).

Na perspetiva sociológica, Gonçalves (2008), no que diz respeito a corrente da sociologia criminal, afirma ser aquela que possui raízes mais antigas na explicação do crime nomeadamente com a perspetiva de Ferri, 1893. Segundo o mesmo autor, a sociologia

interessou-se desde muito cedo por essas questões dos comportamentos desviantes. Cusson (2002) defende que a desviância consiste na transgressão de uma norma social, e estas por terem sido estipuladas pela sociedade pode resultar de um ato voluntário ou involuntário do indivíduo, o primeiro tal como a palavra indica são atos transgressivos cometidos por vontade do indivíduo, o segundo já se caracteriza pela incapacidade do indivíduo em avaliar os seus atos, nomeadamente ser portador de uma deficiência (física, mental). Este autor ainda acrescenta, que o comportamento desviante depende também da frequência em que este é realizado, pois não é habitual e quando tal acontece, põe em causa a norma que o tornava desviante.

A primeira teorização sociológica contemporânea da delinquência foi originada da chamada “Escola de Chicago”, que começou por desenvolver estudos sobre a sociologia urbana do crime, ou seja começaram a analisar esta problemática a partir da estrutura social dos bairros urbanos bem como a questão da importância dos grupos de pares. Importa referir que a sociologia prefere tratar dessas questões da delinquência, com termos menos conotados, ou seja fala-se em desvios ou comportamentos desviantes. De fato, do ponto de vista sociológico, a delinquência é encarada como resultado das desigualdades sociais e das imposições dos valores dominantes por parte da sociedade onde os indivíduos estão inseridos (Goncalves, 2008). Ou seja, a delinquência ou a desviância são tidos como fenómenos sociais.

Ao analisarmos estas perspetivas, podemos concluir que, o conceito da delinquência juvenil é um tema bastante amplo e que pode ser analisado de diversas perspetivas. Como já foi referido por diversas vezes através dos diversos estudos, a adolescência é uma fase bastante difícil devido precisamente a essa transição que é feita para a idade adulta pois crescem as responsabilidades e a adaptação a esta realidade é cada vez mais difícil e depende de jovem para jovem. Há os que o fazem de forma tranquila, com a ajuda dos pais familiares ou até muitas vezes com a ajuda de psicólogos, mas também, há os que o fazem com muita turbulência pois os comportamentos não são muitas vezes os melhores, pois existem transtornos na conduta onde há lugar a comportamento desafiador as próprias normas ou valores e estes normalmente são repetitivos e persistentes.

1.2 Teorias Explicativas da Delinquência Juvenil

A delinquência juvenil constitui um dos principais problemas sociais de todos os tempos, e por isso foram desenvolvidos inúmeras propostas possíveis de explicação

desse fenómeno. Questões ligadas aos laços sociais ou a falta deles podem influenciar de forma direta ou indiretamente na adoção de comportamentos desviantes por parte dos jovens.

Várias foram as teorias que foram desenvolvidas ao longo do tempo. Algumas dessas teorias baseiam-se na ideia que esta problemática “seria resultado de mudanças sociais drásticas”, “falta de organização social”, “enfraquecimento das redes de controlo nomeadamente a famílias ou as escolas”, ou “essas condutas são simplesmente aprendidos através de uma interação com os outros”.

Autores como Michel Wieviorka (1997), David Garland (1995) entre outros têm procurado apresentar explicações para a emergência dessas problemáticas, principalmente no que toca a questões relacionadas com a criminalidade e o seu predomínio na sociedade contemporânea.

Procurando dar uma visão integradora das várias teorias explicativas da delinquência juvenil, de seguida sintetizam-se algumas das abordagens que se consideraram pertinentes para a contextualização do presente estudo, nomeadamente as teorias de Cusson (1993), Hirshi (1969), Albert Cohen (1971,1994), e as visões de Moffitt (1993), e Merton (1938).

1.2.1 Teoria do Controlo Social:

A origem da delinquência juvenil, segundo esta teoria, está relacionada com problemas de vinculação social do jovem para com as instituições que deveriam ter a função de educar, formar para às normas sociais, nomeadamente com a família, a escola, e outras instituições.

Cusson na sua análise diz -nos que com um controlo social diminuto, aumenta e muito o risco da passagem para o ato delinquente, ou seja a delinquência no fundo está ligada a uma diminuição do controlo social. A degradação familiar, a escola ao falhar no seu papel educacional, a própria desorganização social podem aumentar e muito o surgimento da delinquência. (1993). Segundo este, o controlo social é “o conjunto dos meios pelos quais os membros de uma sociedade impõem a si próprios a conformidade necessária à vida em comum” e uma vez que a delinquência se encontra ligada à diminuição do controlo social, aqui só se reuniu meios necessários para ter uma vida normal em sociedade, porque com um controlo social diminuto, o risco de praticar atos

delinquentes aumenta. Segundo este autor existem três fatores distintos para a diminuição do controlo social: a família, ou seja a desestruturação das famílias nomeadamente situações de divórcios, separações, famílias monoparentais, e muito facilmente os adolescentes perdem o respeito pelos pais que são responsáveis pela sua educação, tal sucede em casos dos jovens que vivem apenas com um dos progenitores, muitas vezes estes estão o dia todo fora a trabalhar. A escola também segundo Cusson (1998) não desempenha bem o seu papel, só se preocupa em transmitir informações mais a nível académico, esquecendo do outro papel importante que desempenha que é de transmitir valores morais essenciais para educação do jovem, o que causa uma certa rebeldia nos jovens no seio escolar aumentando por vezes situações de vandalismo e comportamentos desviantes dentro do contexto escolar, e por ultimo a cidade ou seja o meio em que o jovem se encontra inserido, a forte desorganização da sociedade em si, podem ser impulsores do aparecimento da delinquência.

Mas outros autores ainda defendem que segundo a teoria do controle social, os indivíduos são por natureza infratores de normas sociais, e a motivação para o comportamento delincente é algo que faz parte da natureza humana e todos os indivíduos o praticam de forma natural. Glick (1995), ao contrário de Hirshi defende que os atos delinquentes ou ilícitos só são praticados quando o vínculo, a conexão dos indivíduos com a sociedade está fragilizada, e o indivíduo considera que a prática de atos delinquentes seja gratificante, algo que seja benéfico para o próprio indivíduo.

1.2.2 Teoria do Laço Social de Hirshi:

Hirshi veio dar um importante contributo no que toca à explicação dos comportamentos desviantes em adolescentes, e o seu contributo baseia-se na teoria do Laço Social, ou vínculo social, onde ele defende que a delinquência surge quando o individuo não consegue estabelecer uma vinculação com as pessoas em particular bem como com a sociedade em geral. Segundo este, os laços sociais estão resumidos em quatro componentes, ou seja, a vinculação que o individuo estabelece em relação à família, meio; o empenhamento do próprio individuo no que toca a ponderação entre as consequências e os benefícios que pode tirar conforme o seu comportamento, ou seja no fundo o ser humano é dotado da capacidade e vontade para cometer atos desviantes e só que a maioria só não o faz porque tem fortes laços que os prendem á sociedade, há que ter um investimento no que toca as atividades que podem ser desenvolvidos bem como a sua participação; e por último a crença, que traduz-se na importância que o individuo

dá as regras ou valores morais ditados pela sociedade (Gonçalves, 2008, Agra & Matos, 1997), ou seja a falta de laços e de uma ligação forte com os pais, grupos de pares e/ou sociedade em geral, poderá dotar o indivíduo de maior pré-disposição para o desenvolvimento da prática de atos criminais. Segundo a teoria de Hirshi quanto mais firmes e fortes forem os laços que o indivíduo detém com a sociedade, menos será a propensão para opor-se às normas sociais.

Em síntese, o que esta teoria do laço social de Hirshi vem nos dizer é que os indivíduos têm toda uma propensão para ser um potencial desviante, no entanto só não o é porque depende do peso dos laços sociais estabelecidos com a sociedade, ou seja se a vinculação às instituições convencionais, o envolvimento em atividades convencionais, a conformidade com as normas sociais, estiverem todos firmes, poderá criar uma intolerância ao desvio, e optando por não seguir a via criminal (Goncalves, 2008). Resumindo, todos os indivíduos têm tendência a transgredir, e não respeitariam as leis se não estivessem condicionados pelas ligações sociais (Hirshi, citado por Agra & Matos, 1997).

1.2.3 Teoria da Subcultura Delinquente:

A teoria da subcultura delinquente faz parte das diversas tentativas de compreender o fenómeno da delinquência juvenil. Segundo a teoria da subcultura delinquente, o crime ou o ato delinquente é resultado da interiorização e da obediência a um código cultural que torna a delinquência dominante pois baseia-se em princípios opostos ou divergentes.

Cohen, numa perspetiva mais culturalista, refere que a delinquência juvenil é uma subcultura, e o comportamento desviante é causado mediante um subsistema de conhecimentos, convicções e atitudes que impedem ou facultam a ocorrência de tipos particulares de comportamentos delinquentes em determinadas ocasiões. A explicação da delinquência juvenil é óbvia, o crime resulta da identificação dos jovens das classes trabalhadoras com os valores e as regras de conduta emergentes da subcultura delinquente (Cohen, 1971, citado por Agra & Matos, 1997).

Mais tarde, Cohen com a sua obra *Delinquent Boys* (1994) procurou explicar a diferença existente entre a desproporção das estatísticas oficiais do comportamento delinquente de cidadãos da classe baixa principalmente a delinquência juvenil nas regiões mais degradadas. Cohen defendeu (1971), que o que diferencia as várias classes

sociais é o modelo de socialização obtido no seio familiar de cada indivíduo, ou seja os indivíduos pertencentes a estratos sociais mais elevados valorizam mais a racionalidade, a ambição, a autodisciplina, qualificações académicas e as boas maneiras, enquanto os indivíduos que pertencem a estratos sociais mais baixos não dispõem deste tipo de valores. Por causa desta discrepância irá complicar a obtenção destes objetivos. Segundo este autor, é na escola que se verificam mais essas situações, pois é nela que se impõem mais obstáculos aos jovens oriundos de classes sociais mais desfavorecidos. Lugar, onde, segundo este, mais se preza pelos valores como a igualdade e mérito da sociedade global, é onde isto menos se verifica, colaborando assim, para a marginalização desses jovens. A delinquência juvenil é negativista, pois caracteriza a inversão total das normas e valores da cultura dominante e exterioriza-se pelo desdém do património, no prazer pela violência e na ânsia de conquistar gratificações imediatas, não utilitária, no sentido de ter apenas o objetivo de fazer mal, e também maldosa, porque os seus atores exteriorizam satisfação em insultar e agredir as suas vítimas.

Mas autores como Ferreira (2000), vieram dar o seu contributo no que respeita a teoria da subcultura delinquente, ou seja, o desvio ou o comportamento delinquente é visto como uma consequência das experiências vivenciadas pelos jovens, das ruturas ou dos fracassos que acontecem no seu quotidiano, segundo este, delinquência juvenil é consequência das experiências vividas pelos próprios jovens, pois estes criam as suas próprias culturas para alcançar os seus objetivos.

1.2.4 A visão de Moffitt (1993)

O termo comportamento delinquente abrange uma diversidade de atos e variações no que toca ao seu aparecimento e continuidade no tempo, bem como as várias formas ou tipologias que possam assomar, neste sentido, Moffitt vem dar o seu contributo neste sentido, argumentando que a delinquência juvenil esconde dois grupos distintos de indivíduos, um onde o indivíduo adota comportamento delinquente, mas que estes são limitados apenas á adolescência e um segundo grupo em que esses mesmos comportamentos persistem ao longo do tempo (ou seja os que iniciam na adolescência mas perduram até idade adulta). Basicamente faz a distinção entre os delinquentes limitados à adolescência e os delinquentes denominados de carreira.

Moffitt (1993), ao fazer esta distinção diz-nos que, os indivíduos cujo ato delinquente é limitado à adolescência, tem a sua passagem ao ato na adolescência, e tal raramente

ocorre antes dos onze-doze anos, no entanto existem exceções, estes mesmos iniciam a sua atividade na fase inicial da adolescência e cometem atos ilícitos ao longo do período próprio da adolescência, mas estes comportamentos têm o seu pico entre os quinze e os dezassete anos de idade, e após essa idade dá-se a desistência de atos delinquentes, ou seja há uma remissão da atividade delinquente durante a idade adulta, assume um carácter temporário. Enquanto, o indivíduo delinquente persistente como a própria palavra tem um carácter persistente, pois esses comportamentos podem surgir numa idade precoce mas que se prolonga até à idade adulta pois há lugar a uma continuidade e estabilidade em toda a idade adulta, nestes indivíduos pode observar-se perturbações a nível do comportamento, pois há apenas uma fração reduzida que pratica atos sociais, segundo Moffitt, a expressão carreira delinquente refere-se a um período da vida durante o qual vários atos delinquentes são cometidos, e caracterizados pelo número, pela frequência, pela diversidade e pela gravidade dos atos.

A delinquência persistente está associada a deficits neuropsicológicos pois normalmente são indivíduos que têm baixo autocontrolo e um temperamento difícil enquanto criança, problemas de hiperatividade, impulsividade, e Moffitt defende que estes deficits podem ser hereditários ou adquiridos, e estes evidenciam um historial de vida repleto de fatores de risco, nomeadamente o baixo nível económico, estilos parentais desajustados. A teoria de Moffitt (1993) concentra-se principalmente no desenvolvimento dos indivíduos delinquentes, não tentando explicar porque que os crimes foram cometidos. Ou seja o foco aqui é o individuo e não o ato em si.

O comportamento delinquente do adulto requer um comportamento delinquente na infância e a maioria dos adolescentes que iniciam um comportamento delinquente na juventude não chegam a ser delinquentes na vida adulta. (Moffitt, 1993).

1.2.5- A visão de Merton (1938)

Merton no seu contributo no que respeita a delinquência e a criminalidade, centra-se na questão da anomia, que adotou de Durkheim e o reestruturou. Considerando que o conceito de anomia surge de uma ausência de regras/normas, aquela sociedade que é anómica é aquela que vive sem regras, e uma sociedade sem normas é uma sociedade desequilibrada.

Merton afirma que a contradição existente entre a imagem social de sucesso para a sociedade e as oportunidades e meio para os atingir, criam um desfasamento entre as

classes existentes numa determinada sociedade pois as oportunidades de acesso a estes objetivos em concreto são complementemente distintos, isto porque na ótica deste autor as classes sociais mais altas têm uma maior facilidade de acesso enquanto as classes mais baixas têm uma maior dificuldade em alcançar esses mesmos objetivos. E, neste sentido, o autor refere-nos que estes mesmos indivíduos alguns não conseguem atingir estes objetivos e por esta razão ficam frustrados, e há aqueles que têm uma maior ligação às normas e valores, e por isso vão “lutar” de forma legal para conseguirem atingir os objetivos, já os que pertencem as classes mais desfavorecidos, poderão perder a confiança nos valores morais e normas sociais, procurando outros meios (ilícitos) para atingir tais ideais.

A anomia é, então, um “estado de tensão” entre os ideais da sociedade e os meios para os atingir. O desfasamento entre os fins e os meios, assim é a sociedade que dita ou encoraja os indivíduos inseridos nele a praticar atos criminosos ou não, dependendo da sua estrutura sociológica. Ou seja, “quando existe um forte “*décalage*” e uma forte tensão entre os fins propostos pela sociedade e os meios legitimamente acessíveis para certas categorias sociais” (Agra & Matos, 1997).

A anomia, segundo Merton, caracteriza-se pela ausência de regras, e existe uma influência na adoção de comportamentos desviantes pois a disparidade existente entre os objetivos sugeridos pela sociedade e os meios legítimos proporcionados para os atingir são desmedidas e os indivíduos estão constantemente a lutar para atingir os ideais traçados pela sociedade e como não o conseguem alcançar enveredam para caminhos ilegítimos para os atingir.

A teoria da anomia de Merton ultrapassa os limites explicativos da teoria da socialização e da teoria biológica, segundo este a diferença social fundamenta o desvio. A delinquência não decorre da participação ativa em processo de interação social. (Prof. Ms. Humberto Rodrigues Moreira), mas sim devido às diferenças socioeconómicas vivenciadas por indivíduo de uma dada sociedade, fazendo com que os mais desfavorecidos e oprimidos se revoltam contra os que se encontram em situações mais favorecidas.

Merton (1938) define a sociedade segundo duas estruturas, a estrutura cultural e a estrutura social, a primeira reúne em si os objetivos culturais, ou seja, os valores, os interesses e objetivos, enquanto a social diz respeito às relações que os indivíduos

estabelecem entre si numa sociedade, bem como às oportunidades reais que os indivíduos possuem para se orientarem através das normas institucionalizadas para os objetivos culturais. E é o desfasamento entre estas duas estruturas, que vai originar a anomia, a desviância.

Pode-se concluir que um dos contributos que Merton deixou com a sua teoria da anomia, é que, são necessárias determinadas condições sociais, mais concretamente a económica, que dão origem a delinquência e a prática de atos desviantes. Basicamente o que podemos extrair aqui é que enquanto Durkheim defende que as “coletividades institucionais” são as que melhor medeiam a estrutura social e o comportamento individual, Merton vem defender que se dê maior atenção às interpretações individuais das condições anómicas e ao efeito que essas interpretações têm sobre o comportamento.

1.3 Fatores de Risco e de Proteção da Delinquência Juvenil

A delinquência juvenil, como já foi referido ao longo deste estudo, tem aumentado de forma significativa, o que levou ao desenvolvimento de diferentes estudos que se debruçaram sobre a etiologia deste fenómeno, procurando identificar os fatores de risco que estão associados e também os fatores de proteção.

Os fatores de risco são condições ou variáveis que estão associadas á alta probabilidade de ocorrência de resultados negativos ou indesejáveis ao desenvolvimento humano, sendo que dentro dos fatores encontram-se os comportamentos que podem comprometer a saúde, o bem-estar ou o desempenho social do individuo (Webster-Stratton, 1998). Podemos dizer que, a família, o consumo de substâncias, a pobreza, baixa escolaridade, constituem fatores de risco no que respeita a adoção de comportamentos delinquentes por parte dos jovens. No entanto existem alguns fatores designados por fatores de proteção, que tal como o nome indica, são fatores que podem conduzir o jovem a enveredar por outro caminho que não o da delinquência, nomeadamente a família, quando desempenha bem o seu papel, e tem uma estrutura que dê uma estabilidade ao jovem, a escola também quando cumpre a sua função no sentido de educar e transmitir valores, a influência positiva dos grupos de pares, entre outros que já foram citados por diversos autores (Sá, 2001; Teixeira, 2004).

O comportamento delinquente na adolescência pode estar também relacionado com questões como a diminuição do envolvimento parental em famílias numerosas, ao uso de álcool ou drogas pelos próprios pais ou outro membro da família, ou ainda pode estar associado à modelagem de comportamentos desadaptativos através de grupos de pares (Herrera e McCloskey, 2001).

Jessor (1992) propõe um modelo integrador para a explicação dos comportamentos desviantes no estudo dos fatores de risco e proteção. Jessor defende que questões relacionados com as condutas de risco dos adolescentes devem ser encarados sob uma perspetiva interaccionista, numa vertente mais sociopsicológica comparando com a perspetiva de Artnet (2002), que é de carácter mais individualista.

Jessor (1992), um modelo conceptual, que incorpora aspetos relativos, quer ao indivíduo, quer no contexto social onde este está inserido, e ainda sugere que se considerem fatores de risco e fatores de proteção em ambos os aspetos, ou seja, a nível individual e no ambiente social. Na perspetiva de Jessor o risco é visto como um resultado do balanço entre os vários fatores de risco e de proteção, inerentes ao próprio indivíduo e ao contexto social deste. No que respeita aos fatores de proteção, este autor não o considera como sendo o oposto dos fatores de risco, mas sim como dois conceitos distintos, na conceptualização de Jessor, os fatores de proteção atenuariam e contrabalançariam o efeito dos fatores de risco, permitindo desta forma explicar muitas das situações em que os jovens em situação aparente de risco não incorrem nas condutas de risco, situações essas nas quais provavelmente se verifica a presença de fatores de proteção (Jessor, 1992, pp. 385-386).

Capítulo II. Contextualização da Delinquência Juvenil em Cabo Verde

Como já foi referido na introdução desta dissertação, a delinquência juvenil em Cabo Verde está cada vez mais na ordem do dia e é alvo de preocupação social, dada as suas consequências para a saúde física e mental dos jovens e para a sociedade.

De acordo com os dados facultados pela Policia Judiciária de Cabo Verde, relativamente aos anos de 2005 a 2008 os crimes aumentaram de forma significativa como pode-se verificar a seguir, nos quadros I e II:

Quadro I- Ano 2005

Crimes	Total	Faixa Etária	Sexo	Locais de Ocorrência
Roubos (assaltos)	75	14-22	Masc.	Fazenda, Terra Branca, Asa.
Detenção Ilegal de armas	21	15-19	Masc.	Tira Chapéu, Safende, Vila Nova.
Dano	18	15-20	Masc.	Idem
Rixa	29	15-22	Masc.	Idem
Ofensa á Integridade Física	21	15-22	Masc.	Idem

Quadro II- Ano 2008

Crimes	Total	Faixa Etária	Sexo	Locais de Ocorrência
Roubos (assaltos)	220	14-24	Masc.	Fazenda, Terra Branca, Asa.
Detenção Ilegal de armas	72	15-19	Masc.	Tira Chapéu, Safende, Vila Nova.
Dano	59	15-20	Masc.	Idem
Rixa	73	15-22	Masc.	Idem
Ofensa à Integridade Física	106	15-22	Masc.	Idem

No que se refere às tipologias de crimes praticados em Cabo Verde por jovens nos anos 2005 e 2008, registaram-se maioritariamente dois tipos de crimes, e são eles, crimes contra o património, a crimes contra pessoas (assaltos, roubos, ofensa contra à integridade física).

Em relação às idades dos jovens que praticaram esses crimes, no que diz respeito ao ano de 2005 variam entre os 14 e os 22 anos, e no período temporal relativo ao ano 2008 alarga-se um pouco até os 24 anos, sendo que o sexo destes jovens é exclusivamente masculino. Quanto ao número de crimes participados à polícia judiciária de Cabo Verde verifica-se um aumento acentuado, pois comparando a prática de crimes contra as pessoas no ano 2005 são num total de 21 enquanto três anos depois aumentou para 168 registos, tendo em conta que se trata de o mesmo período temporal esses números sofreram um aumento substancial, no que diz respeito a rixa do ano 2005 para 2008 de 29 passou para 73, e ainda crimes relacionados com a integridade física em 2005 houve

cerca de 21 casos enquanto no ano 2008 passou para 106 aqui neste caso em concreto podemos verificar um aumento bastante acentuado pois passou a ter mais 85 novos crimes em relação a ofensa contra à integridade física, são números que representam o aumento da Delinquência Juvenil na Cidade da Praia.

2.1 Fatores de Risco da Delinquência Juvenil no Contexto Cabo-verdiano

Quando se fala da problemática da delinquência o que se procura compreender são as causas que levam os jovens a delinquir e tentar entender como se combinam estes fatores para produzir atos delinquentes. Assim, neste capítulo, propõe-se analisar a pertinência dos vários fatores que podem estar associados à violência ou a delinquência juvenil na cidade da Praia, procurando entender os fatores estruturais e contextuais desta problemática.

2.1.1 Fator de Risco -Família

A família surge quase sempre como pedra basilar de uma sociedade, porque é na família que o individuo se desenvolve, e onde alarga as suas competências ao nível de aprendizagem, da aquisição de valores e de conhecimento, sendo assim, de suma importância no desenvolvimento de cada adolescente.

A importância desta instituição que é a família, é de tal modo significativa para a comunidade cabo-verdiana, que a Constituição da República a consagra juridicamente como uma instituição que é mesmo anterior ao próprio estado, pois é nela que ocorrem importantes transmissões de valores que servirão até a vida adulta.

Mas centrando ao nosso estudo investigativo, tendo então a família um papel tão importante, poderá ser ela considerada como um fator de risco para práticas delinquentes destes jovens?

Pode a desestruturação familiar, a falta de supervisão por parte dos pais, formas de educar demasiados severos influenciar de tal forma o individuo que mais tarde possam vir a adotar comportamentos agressivos? Será que uma família omissa de suas funções parentais pode causar danos no que toca ao desenvolvimento do próprio indivíduo? Muitos são os autores vão de acordo com essas hipóteses todas aqui levantadas.

“ Por trás de cada criança desajustada devemos procurar uma família. A desorganização do grupo familiar tem

consequências graves no nível das relações humanas...”

(Levisk, 2007.)

Vários estudos já comprovaram que a ausência familiar, violência intrafamiliar, instabilidade e falta de supervisão dos pais geram graves consequências na formação do indivíduo, pois comprometem o estabelecimento de uma vinculação segura, sendo fatores preponderantes ao desenvolvimento da delinquência juvenil (Farrington, 2009; Simões, 2007; Teixeira, 2004).

Como já foi referido anteriormente, a família é uma realidade basilar da sociedade cabo-verdiana. Desde sempre que a família é vista como um lugar onde há uma transmissão de conhecimento, valores, costumes e tradições entre gerações. Este conceito sofreu no entanto alterações significativas ao longo dos tempos e as dinâmicas familiares alteraram -se nas últimas décadas.

Antigamente o modelo de família em Cabo-Verde era a dita família alargada ou numerosa ou seja, lugar onde coabitavam famílias de primeiro segundo e terceiro grau, onde existia a figura do chefe de família que era ocupado ou pelo mais velho da família, sendo comum em Cabo Verde que os avós assumissem provisoriamente a responsabilidade das figuras parentais. Com o decorrer do tempo, como em qualquer sociedade, deu-se algumas transformações no quotidiano das pessoas e surgiu o modelo de família denominada como a nuclear ou conjugal que é composta por apenas duas gerações tradicionalmente composta por um homem e uma mulher e seus filhos habitando no mesmo ambiente familiar. Nos últimos anos, com o aumento dos divórcios e da emigração, deu-se um aumento significativo das famílias monoparentais e cerca de 61% das crianças menores de dezoito anos não tem o pai em casa (Quibb-cv, 2006 p.1.2). Cerca de sessenta e um por cento das crianças menores de 18 anos não tem a figura paterna em casa pois apenas três em cada cem vivem exclusivamente com o pai (Quibb-cv, 2006 p. 2).

Esta realidade levou com que a mãe passasse a ficar responsável pelas necessidades básicas dos filhos, nomeadamente, no que respeita à alimentação e à educação, sendo obrigada a passar a trabalhar para o próprio sustento da família, papel que antes era atribuído predominantemente ao pai. Este é um dos fatores que muitas vezes se encontra associado ao desenvolvimento problemático dos adolescentes, pois a ausência da figura de autoridade paterna trouxe um modelo mais permissivo facilitador da adoção de

comportamentos desviantes. A esta mudança cultural juntam-se outros fatores também significativos, como história de alcoolismo ou toxicodependência na família, situações de violência e de maus tratos onde as vítimas são maioritariamente crianças. A violência sofrida no seio familiar pode ter consequências graves para o desenvolvimento dos jovens refletindo-se em danos irreparáveis na sua vida adulta, quer sejam elas de nível físico, ou psicológico.

Em Cabo Verde ainda no que toca as relações familiares, talvez por uma questão cultural, a violência é algo que está enraizada na relação homem/mulher, algo aceite pela sociedade, pois os casais afirmam que entre os conjugues o recurso à força é de alguma forma visto como algo natural ou normal, bem como na relação pais e filhos onde o recurso a força é considerado como uma medida corretiva e educativa. O recurso frequente da força e punições ou da violência para fazer valer a posição do homem enquanto pai de família ou líder da casa, acaba por expor a criança a um ambiente violento onde eles aprendem desde pequenos que para fazerem se ouvir só por meio de violência ou recurso a força.

Os maus tratos, a violência intrafamiliar podem manifestar-se de múltiplas formas, podem ser: físicos, psicológicos, e sexuais. Em Cabo Verde é frequente ocorrem situações de pais que usam de medidas ou castigos físicos na educação dos filhos e em muitas escolas até os dias de hoje ocorrem medidas corretivas por partes dos professores com recurso a força. Ainda devido ao fato de ser um meio pequeno, os vizinhos também têm liberdade para educar os jovens, e isto ocorre porque entendem que zelar pela educação das crianças é uma tarefa não só dos pais mas também da comunidade.

O abandono, a falta de atenção e de interesse por parte dos pais provocam também consequências graves na própria identidade da criança, e no seu desenvolvimento. Pois estas consequências podem desenvolver sentimentos de raiva e agressividade devido ao clima de violência a que foram expostos, podem apresentar distúrbios de conduta tais como o uso da mentira, roubos violências gratuitas, refugio para álcool e drogas fugas de casa. Diversos estudos defendem que não é possível estabelecer uma correlação simples entre o tipo de maus tratos e as suas consequências a longo prazo pois estes dependem de vários fatores entre as quais a idade do menor, o tipo e duração do abuso, nível da violência e das ameaças sofridas.

Várias são as teorias que defendem que as crianças/adolescentes que viveram uma exposição prolongada em ambientes de maus tratos ou violência têm maior probabilidade de se envolverem em atos delituosos, muitas vezes pelo simples facto de vivenciarem isto no próprio meio familiar passam de vítimas a agressores. Este tipo de violência é capaz de causar traumas que acompanham as crianças para a vida toda, pois a violência intrafamiliar é causadora de impedimento para um bom desenvolvimento e integração social de crianças e jovens.

Muitas vezes para estes jovens o único caminho a seguir, é o da criminalidade, pois são jovens que conviveram quase sempre com a violência e poucos deles cresceram com a ideia de existência de limites, conseguir fazer a distinção entre o certo e o errado. São jovens que apresentam dificuldades na percepção e aceitação de normas morais e sociais.

2.1.2 Fator de Risco -Escola

No meio escolar questões como baixo rendimento escolar, dificuldades de aprendizagem, as faltas, bem como o absentismo escolar, indisciplina, influências negativas por parte de grupos de pares são questões que podem estar diretamente ou indiretamente ligados a delinquência juvenil.

Sabe-se que a escola é uma instituição cujo papel fundamental é educar mas também tem uma importância fulcral que é a de preparar o futuro, oferecendo assim um ensino de qualidade formando os seus alunos para que tenham condições de pleno desenvolvimento. Mas tal, não depende somente da escola, mas sim de um conjunto de fatores que podem levar a esse sucesso ou insucesso deste propósito. Há questões particulares como problemas cognitivos, de personalidade, questões de ordem social onde existem famílias que não têm condições de manter as crianças nas escolas, sendo estas obrigadas a abandonar os estudos. Mas também existem questões relacionadas com o desinteresse por parte do próprio aluno, desinteresse esse que pode advir dos mais variados motivos, ou porque o método de ensino não é o mais indicado logo não motiva a aprendizagem, falta de motivação para estar em sala de aula, influência negativa dos grupos de pares ou amigos, questões relacionadas com a indisciplina.

Um dos grandes problemas vivenciados nos últimos tempos na sociedade Cabo-verdiana é a questão da violência e delinquência juvenil, e a escola vivencia esta problemática de diversas perspetivas, os jovens que fazem parte do núcleo escolar são os mesmos que estão a praticar atos violentos fora da escola e muitas vezes acabam por

os trazer para o meio escolar. No contexto escolar são adotados comportamentos agressivos para com os colegas, professores e funcionários o que acaba por afetar todo o processo pedagógico.

O abandono escolar afeta mais rapazes (13%) do que raparigas (9%). Das crianças que abandonaram a escola, 34% foram por falta de meios, 32% por falta de interesse. Estes factos são particularmente relevantes o abandono escolar representa sempre fatores de risco maiores destes adolescentes (Quibb-cv,2006, p.5).

O abandono escolar em Cabo verde ocorre por diversos motivos, sendo os mais frequentes devido ao alto índice de reprovação sucessiva provocada por falta de interesse ou motivação, falta de capacidade a nível cognitivo ou seja dificuldade na aprendizagem, indisciplina (estimulada talvez pela própria instabilidade característica da adolescência tem sido cada vez mais visível), mas também devido à situação económica que se encontram as famílias, a maioria são veem de famílias com baixos recursos económicos ou seja não há condições para os pais financiarem os estudos dos filhos e estes ficam sem nenhum objetivo de vida a maioria não tem idade para trabalhar e só lhes resta ficar na rua.

Não obstante o facto de a escolaridade obrigatória ser de seis anos em Cabo Verde pois foi implementado desde os anos noventa, constata-se que o universo dos indivíduos em idade escolar que nunca frequentaram um estabelecimento de ensino é de treze em cada cem. (INE, 2006).

Independentemente do meio social, em que se vive, uma característica constante da adolescência é a existência de colegas, amigos, ou grupos. Ter amigos permite partilhar as mesmas experiencias, aprender a resolver conflitos, maior amplitude a nível de contactos sociais, a oportunidade de desenvolver melhor as competências sociais. Por isso é fundamental os adolescentes terem um amplo núcleo de amigos ou grupo de pares. Essa relação torna-se numa relação muito importante tendo em conta que nesta fase da vida do adolescente eles passam a dar mais importância aos amigos do que os próprios pais ou familiares. Pois estes estão na mesma fase, partilham os mesmos sentimentos e as mesmas experienciais. No entanto, este mesmo grupo de amigos/pares são muitas vezes apontados por diversos autores como sendo um importante fator de risco para o envolvimento destes em atividades ilícitas (Castro, 2006).

Há que compreender qual o papel que os pares ou amigos têm na vida do jovem, bem como a influência no envolvimento em comportamentos de risco nos adolescentes. E sendo a adolescência uma fase onde surgem maiores oportunidades e desafios relacionados à adoção comportamentos de risco, nomeadamente consumo de substâncias ilícitas, abuso de álcool, pequenos furtos ou comportamentos sexuais de risco. Muitas vezes há uma ligação direta destes comportamentos. Numa festa, por exemplo, com muitas bebidas alcoólicas o adolescente bebe para se sentir igual aos outros, ajuda a relaxar e desfrutar melhor dos sentimentos. Fazer parte de algo é muito importante para o próprio desenvolvimento do adolescente, e uma forma de ele mesmo se sentir integrado. Mas também a influência do grupo de pares pode contribuir para o insucesso escolar, fazendo com que os colegas negligenciem os estudos, faltando as aulas, e adotam essas condutas com um único objetivo, serem aceites e integrarem a grupos.

Atualmente a disrupção escolar é uma das preocupações das escolas em Cabo Verde, tendo em conta que estes comportamentos têm aumentado significativamente, estes vão desde a indisciplina, desvio relativamente às regras internas escolares, conflitos na relação aluno-aluno ou aluno-professor e assim, estes comportamentos têm influenciado todo o processo de aprendizagem e as relações interpessoais em contexto escolar.

2.1.3 Fator de Risco -Consumo de substâncias (i) lícitas

O consumo de substâncias na adolescência é considerado um dos fatores de risco importantes, pois o consumo destas substâncias (álcool e drogas), fazem parte do quotidiano dos adolescentes é algo que já faz parte do dia-a-dia infelizmente cada vez mais cedo e com mais frequência, atingindo a nossa sociedade.

O álcool é o tipo de substância mais utilizada no mundo todo. E, entre os jovens cabo-verdianos esta realidade não é diferente, o consumo faz parte do quotidiano das pessoas, e a maioria das vezes o seu consumo é feito no próprio seio familiar, nas saídas noturnas, nas escolas, nas reuniões com os amigos.

Cabo Verde no que toca ao consumo do álcool, segundo o relatório global sobre o álcool e a saúde 2014, divulgado pela Organização Mundial da Saúde, indica que Cabo Verde é um dos países com mais prevalência de perturbações do consumo do álcool entre os lusófonos e, com uma prevalência de 5,1 %, no que concerne às mortes associadas ao consumo do álcool, uma das mais altas taxas entre os países Lusófonos.

Os cabo-verdianos consumiram em 2010 uma média de 6,9% litros de álcool puro por ano. A cerveja é a bebida alcoólica mais consumida em Cabo Verde. (INE, 2006).

O álcool tem um nível muito elevado de aceitação e tolerância por parte da sociedade Cabo-verdiana, é uma questão cultural, existe uma cultura de consumo do álcool desde sempre no quotidiano das pessoas, por muitas vezes até se incentiva o seu consumo no próprio ambiente familiar onde tem o mau exemplo dos pais ou familiares a consumirem o álcool em casa é visto pelos jovens como algo que não tem mal nenhum é normal, é um hábito, ou porque os pais consomem e não veem mal nenhum em os filhos consumirem também, ou defendendo que melhor beber em casa do que na rua. Usa-se o álcool por todo e qualquer motivo, por tradição, pois por diversas vezes é visto como medicamento ou seja a cura muitas vezes para diversos males, está presente em todos os eventos sociais desde nascimentos, batizados, casamentos, divórcios e mortes.

Contudo, o consumo excessivo do álcool como todos nós sabemos é muito prejudicial à saúde, a ingestão de bebidas alcoólicas causam danos graves à saúde como é o caso das hepatites, gastrites, diferentes tipos de câncer, e tratando-se de jovens que estão em crescimento, que iniciam o consumo do álcool cada vez mais cedo, as consequências podem ser ainda mais devastadoras, isto considerando uma consequência mais a nível individual, se pensamos na consequência que o álcool pode ter quando usado pelos jovens, e como o consumo destas substâncias pode refletir nos seus comportamentos.

O uso dessas substâncias na adolescência está quase sempre associado a comportamentos de risco, pois os efeitos negativos relacionadas ao uso destas substâncias são notórios pois aumentam a possibilidade de envolvimento com brigas, conflitos com autoridades, mau desempenho escolar, práticas de crimes contra as pessoas, violações, vandalismo roubos entre outras ocorrências que estão ligados ao abuso destas substâncias, isto ocorre porque a maioria dessas substâncias dão um falso sentimento de segurança, euforia, mas também um carácter desinibido, funcionam como um estímulo.

Ao longo da análise desta questão junto dos jovens, eles mesmo afirmam que no caso das drogas usam drogas denominadas como estimulantes ou seja as que aumentam a atividade do cérebro, e são eles: Ecstasy, Lsd, Haxixe por serem drogas de efeito rápido, e por vezes a cocaína, isto porque a intenção é provocar euforia, excitação, autoconfiança, ou seja, a intenção principal é a obtenção de flash de adrenalina para as “missões”. Drogas como a heroína e a cocaína apesar de o seu consumo trazer como

efeito a excitação, euforia, sensação de onipotência, um aumento inexplicável de energia, não são drogas muito utilizadas pois estas causam dependência e isso para eles, como afirmam muito para as missões não é de todo benéfico.

Há muitos estudos teóricos que apontam que as drogas ilícitas seriam um condutor para a prática de atos agressivos ou crimes (Agra & Matos, 1997; Agra, 1998). Há de facto uma evidente associação entre droga e crime, pois existem pesquisas que tem demonstrado um maior risco de violência quando o álcool e as drogas forem consumidos. O que é indubitável segundo Agra (1998) pois esses dois fenómenos estão intimamente ligados, mas importa referir que nem todos os crimes estão ligados diretamente ao consumo de drogas.

A ligação entre essas duas problemáticas, também já foi questionada inúmeras vezes e por diversos autores, nomeadamente por Peritti-watel (2001). Há quem defenda que não exista um nexos causal entre o crime e as drogas (Jorge Negreiros 2010, Kenny e Nelson, 2006). Não deixa de ser verdade que as drogas constituem substâncias que aparecem quase sempre em cenários de comportamentos delinquentes ou violência praticados pelos jovens e não só, pois trata-se de substâncias que provocam alterações no comportamento das pessoas e no funcionamento psíquico.

Normalmente os fatores de risco associados ao consumo abusivo de álcool e drogas ilícitas podem começar na família onde existe quase sempre histórico de alcoolismo na família por parte dos pais, conflitos ou violência no seio familiar, mas também o seu consumo pode ser visto como fator afirmativo perante o grupo de amigos pois muitos deles iniciam o consumo do álcool para poderem afirmar -se perante o grupo. Para muitos jovens o consumo dessas substâncias são encarados como sinonimo de masculinidade, de status perante o grupo ou amigos. Podem ainda estar associados ao baixo rendimento escolar, dificuldades de aprendizagem, histórico de abuso sexual, ou simplesmente provocada pelo meio onde se encontra, uma vez que nos próprios bairros onde residem é algo considerado como normal. Os consumos também estão muitas vezes ligados a uma certa revolta das pessoas contra o sistema, (governo), contra a extrema pobreza, e ao usar as drogas ou o álcool ajuda muitas vezes a esquecer os problemas que se vive e não é preciso arranjar muito dinheiro para se comprar álcool.

Cabo Verde ao nível da indústria do álcool disponibiliza bebidas a baixo custo, com vários pontos de venda, onde a cerveja e o ponche são os mais comercializados devido

ao seu baixo custo, e isso reflete-se no seu alto nível consumo, pois estes são os eleitos entre a camada juvenil, e, por serem também, se assim o podemos dizer, consideradas como bebidas de iniciação ao consumo por qualquer jovem. De realçar a facilidade com que comprem as bebidas alcoólicas, pois os bares, os postos de combustíveis, as mercearias dos bairros tem todos ao seu dispor um leque variados de bebidas. O baixo custo dos mesmos torna-se inevitável contribuindo para que cada vez mais para o consumo do álcool de forma frequente e precocemente.

2.1.4 Fator de Risco - Sociais:

Questões como a pobreza e a desigualdade social nunca deixaram de fazer parte do quotidiano das pessoas num país em vias de desenvolvimento como Cabo Verde. Esta problemática está mais presente do que nunca. Quando questionado a população dos motivos que podem estar na origem de tanta violência a resposta é unânime: porque somos um país pobre sem recursos onde existe uma elevada taxa de desemprego. Cabo Verde é de facto um país considerado pobre, onde o número de carenciados é grande e a desigualdade social é também infelizmente. A cada ano que passa, aumenta a taxa de pessoas que vivem em bairros sem condições mínimas. O Instituto Nacional de Estatística realizou o primeiro inquérito anual de seguimento da pobreza e das condições de vida dos agregados familiares em Cabo Verde (2006), onde foram avaliados as condições relativamente aos acessos e condições de habitação, o acesso a água potável, posse da casa de banho, onde pretendeu-se também avaliar a perceção que a população tem relativamente a pobreza. (Quibb-cv 2006)

A maioria da população cabo-verdiana acredita que a condição de pobreza que afeta a milhares de pessoas que aí vivem é causada pelo desemprego, logo falta de rendimento económico, escassez de um bom posto de trabalho, pois devido a escolaridade baixa os trabalhos são na sua maioria precária. Em relação aos homens, ao nível das ocupações profissionais ou é como ajudantes nas áreas comerciais, recebendo o seu salário ao dia, ou então como ajudantes de construção civil, lavadores de carros entre outros. No caso das mulheres são na sua maioria empregadas domésticas, vendedeiras ambulantes, ou empregadas em estabelecimentos comerciais ou restauração. Importa referir um traço comum nestes sectores é a falta de contratação formal de trabalho, não estabelece-se nenhum tipo de vínculo com o empregador e por conseguinte não beneficiam de um salário fixo.

Diversos autores já desenvolveram estudos no sentido de ver se a pobreza pode constituir um fator de risco para a delinquência juvenil? Ou seja, se a pobreza por si só pode induzir alguns jovens oriundos de um meio social desfavorecido a adotarem a delinquência como um meio de sobrevivência (Lima, 2012). A delinquência juvenil é mais frequentes nas classes sociais mais desfavorecidas, pois são nestes bairros que muitas vezes há lugar a uma situação de vulnerabilidade bastante maior, pois Cabo Verde é um país onde impera a pobreza para a maioria das pessoas que aí habitam, e os recursos disponíveis são insuficientes para mudar esta realidade.

Assim, quando questionados os jovens cabo-verdianos sobre as razões de tanta violência e roubos ou assaltos à mão armada, a resposta é quase unanime falta de ocupação, falta de recursos, pois enfrentam um nível de desemprego jovem alto ou existência de emprego precário, o acesso reduzido a educação ou muitas vezes de oportunidades, pouca opção ao nível formação profissional, debilidade no que toca as condições de habitabilidade (saneamento básico, deficiente na cobertura de eletricidade), discriminação social. Cabo Verde tem bairros muito pobres caracterizados por este culminar de fatores acima referidos o que proporciona uma maior vulnerabilidade económica e social com grandes efeitos sobre as famílias, que muitas vezes para contornar a falta de condições recorrem a estratégias que muitas vezes passa por uma emigração para que tem familiares em países da Europa ou Estados Unidos, ou as remessas destes mesmos familiares residentes no exterior.

2.2 O fenómeno de grupos em Cabo Verde

O fenómeno dos grupos é normal na adolescência, no grupo que é tudo resolvido, e é onde os ajuda a crescer.” Mas serão esses grupos vítimas e/ou agentes da violência?

Quando os casos de marginalização e violência praticados por jovens, adotam um carácter sistemático e organizado por partes dos mesmos, é merecedora de atenção tanto por parte da sociedade em geral como dos governantes/autoridades.

Ao longo dos anos já se ouviu falar muitas vezes em diversos contextos da prática da delinquência em grupos, geralmente conhecidos como gangues, que é utilizado para

denominar um grupo de adolescentes ou jovens que praticam desde atos anormais chegando muitas vezes à violência, ou então atos tipificados na lei como crime nomeadamente assaltos, tráfico de drogas, violações, brigas, uso de armas de fogo e muitas vezes usam do próprio grupo para atacar grupos rivais pertencentes a outras zonas periféricas isso tudo de forma organizada (Lima, 2012).

Este fenómeno dos grupos juntamente associados à criminalidade, é uma realidade em Cabo Verde, onde aos poucos foram surgindo grupos pertencentes a cada bairro. Inicialmente agrupavam-se de forma espontânea, maioritariamente residentes no mesmo bairro, apenas para fumar charros, beber, ouvir Hip-Hop, falar da adoração que tinham pelos seus ídolos rappers americanos como é o caso do Snoop Doggy, Tupac, Notorious B.I.G, Puff Daddy, Fifty Cent, entre outras figuras que fizeram nome na sua maioria por causa de factos ligados aos crimes de tráfico em geral de armas, assassinatos, desrespeito as autoridades, violência desnecessária.

Mas com o tempo começaram a ganhar outras proporções, estruturando-se de uma forma mais organizada, com um grau muito elevado de disciplina, e onde aparece a figura do líder que se torna numa peça chave, constituindo a voz de comando do grupo. Estes tornaram em grupos conflituosos, praticando uma violência física muitas vezes gratuita, com vestuário característico calças e roupas bastante largas, vocabulário próprio, linguagem corporal. São compostos normalmente entre seis e catorze elementos e a delinquência é no fundo um fim e a razão da existência do grupo. São jovens que têm atitudes positivas face a violência, poucos amigos normalmente só os do grupo ou bando.

Para serem aceites nestes grupos, os jovens têm normalmente de demonstrar uma certa frieza, agilidade nomeadamente em manobrar armas, mas principalmente tem de demonstrar um forte espírito de equipa ou cooperação.

O aparecimento deste fenómeno dos grupos em Cabo Verde representou um perigo para a sociedade em questão, onde o medo e a insegurança estavam cada vez mais na ordem do dia sem esquecer de que a maioria das famílias está sujeita a que algum dos seus filhos chegue a fazer parte destes grupos. Os grupos aumentaram não só em número como também foram surgindo cada vez mais grupos, mostrando que estão cada vez mais organizados e perigosos, pois a ousadia dos crimes praticados tornam se cada vez mais visível.

Estes grupos organizados são denominados localmente por Thugs, ou seja Thugs são jovens pertencentes a grupos ou não, porque existem os que agem sozinhos, onde o

principal objetivo é envolver-se em situações de agressões e desordem, abusar de bebidas alcoólicas e drogas, realizar assaltos à mão armada e onde se preciso for não há lugar a dúvidas quando se trata de disparar a arma.

O sentido de vida e de morte tornou-se quase se pode dizer numa questão banal desde que estes surgiram na capital cabo-verdiana, pois esses jovens denominados como “Thugs” são os que decidem quem vive e quem morre durante um assalto por exemplo.

Em Cabo Verde os Thugs fazem referência ao rap norte-americano, principalmente ao grupo liderado pelo famoso rapper Tupac Amaru Shakur, conhecido pela crítica como maior rapper de todos os tempos. As suas canções abordam questões como a miséria que se vive nos guetos, o racismo, os problemas da sociedade. Nas suas canções este rapper falava como é crescer no meio da violência, e ainda os conflitos com os outros rappers. Tupac cria ainda um movimento social denominado como “Thug Life” (“vida bandida” ou, segundo o próprio Tupac, “vida difícil”) com o intuito de diminuir as mortes banais e a violência nas áreas pobres dos EUA. Assim, tal movimento tinha por objetivo, direccionar os “Thugs” ou bandidos, sobre o que poderia e o que não poderia ser feito dentro das comunidades. Segundo essas normas criadas por Tupac ser um Thug é ser uma pessoa que é julgado “bandido” pela sociedade, os Thugs, tinham de saber três coisas: “Vais ter de proteger o teu lugar de origem, por respeito”; “Vais ser preso”; “E talvez um dia morras num tiroteio de “gangs” (Lima, 2014).

Em Cabo Verde esse termo Thug só começou a ser utilizado no início de 2000, e com uma outra vertente, estes, são vistos como temíveis grupos compostos por jovens com vários elementos oriundos dos bairros mais pobres da capital cabo-verdiana, onde a característica principal é o uso da violência (Lima, 2012).

Por onde passam espalham o terror, o medo, e um forte sentido de impotência. O fenómeno dos “Thugs” surgiu em Cabo Verde com os chamados deportados ou retornados dos EUA, onde na sua maioria são jovens delinquentes de origem cabo-verdiana, que foram expatriados para Cabo Verde por motivos judiciais. O mais grave é que estas pessoas, muitos nasceram nos Estados Unidos, não tinham conhecimento da língua e muito menos da cultura, e além de uma identidade familiar, não tinham qualquer relação ou conhecimento do país o que acabou por dificultar ainda mais a integração.

Assim, desenraizados, naturalmente agrupavam-se, e inspirando em filmes de “gângsters” norte-americanos e das simbologias do Rap, criaram uma versão local do crime organizado, tornando-se assim umas pessoas consideradas perigosas.

Os grupos de gangs da Cidade da Praia são muitos mais destacam-se alguns como é o caso do Grupo Tropa Cabral reputado pela sua violência, onde o chefe do grupo não é o mais velho mais sim aquele que se destacou pela sua violência e coragem, ou seja é o mais temido.

No entanto, há um ponto comum em todos os elementos, todos são oriundos de famílias pobres, de bairros precários onde a sociedade não lhes deu uma oportunidade, e assim, integraram um grupo não só para beneficiarem de proteção mas principalmente com um sentimento de adoção numa nova família, criando assim um sistema de valores próprios, onde os valores e as regras a serem seguidos são completamente dos valores ditos como normais. Os comportamentos adotados por eles são só as que ditam o grupo pois quem não segue essas normas não tem lugar no grupo. O fenómeno dos Thug tem maior incidência na capital, surgindo alguns casos noutras ilhas mas nada com a mesma força do que na Cidade da Praia.

Hoje a violência dos Thugs é principalmente manifestada na luta entre grupos e cada um controla uma zona ou um território. Há grupos e jovens que não podem simplesmente ir a zona ou território do outro.

A primeira geração desses grupos em Cabo Verde foi formada por jovens que residiam nos Estados Unidos e, por conta de problemas com a justiça americana, retornaram ao país de origem depois de deportados. No retorno, esses jovens criaram seus grupos nos bairros pobres e periféricos da Cidade da Praia. Segundo o jornal ASemana, ser Thug não é um “facto adquirido”, mas uma construção social, um movimento.

Com base nos estudos sociológicos existem três gerações de Thugs, como cita o sociólogo Lima (2014), a primeira geração de Thugs foram jovens que nasceram nos finais de 1970 e na década de 1980, emigraram para os Estados Unidos, onde completaram 17 anos, nos anos 1990/2000. Estes, por sua vez, são aqueles que conheceram, viveram e colocaram o código “Thug life” em prática.

A segunda geração é a de 2000, composta por “jovens residentes” que completam 17 anos nesta década. A liderança é menos forte e as regras são mais diluídas. Uma geração que nasceu com a mudança e floresceu com o “desenvolvimento.

A terceira geração é um continuum de jovens, resquícios das gerações anteriores, que na sua maioria não chegaram a conviver com o “Leader” apesar de ouvirem e conhecerem a sua história, e no qual depositaram fé, pelo seu grande carisma. Estes completam 17 anos em 2010, ou entraram nesta década com esta idade.

Estas “gerações” não são estanques nem absolutas, antes complementam-se. Alguns da primeira transitam para a segunda, e desta para a terceira.

O significado da expressão “Thug”, expandida sobretudo pela média nos finais de 2004, constitui uma “adesão e coesão” de jovens masculinos em quase todos os bairros periféricos e degradados da Praia com novos hábitos culturais americanizados e rebeldes, que se situam na fronteira entre a permanência e o abandono escolar. É como se virtualmente vivessem nos Estados Unidos e fisicamente estão em bairros pobres e degradados. Como fenómeno juvenil tornou-se um assunto publico e começou a ganhar contornos negativos, atingindo o seu auge entre o ano 2005 e 2008. Assim, este fenómeno propagou-se rapidamente, obrigando a intensificação do processo de thuguização: a “adesão” e “coesão” de jovens com vista á proteção, e para limite dos seus territórios dos assaltos rivais, ao mesmo tempo que promovem o espirito da (auto) defesa dos membros contra grupos rivais, e afirmação/construção de uma identidade “Thug”.

Dada a sua intensificação, levou áquilo que chamamos de “enclausuramento”, ou seja, grupos/membros começaram a limitar a sua circulação aos espaços de residências, bairros ou rua pertencentes muitas vezes a grupos rivais.

Com os “enclausuramentos”, os grupos tornaram-se mais organizados (coesão), as armas de fogo “banalizaram-se”, os conflitos intensificaram-se, aos poucos começaram as divisões de territórios dentro dos próprios bairros emergindo também conflitos internos e assim deu se inicio a um dos maiores fenómenos na delinquência onde as vitimas na sua maioria são os próprios jovens para o desespero das mães que choram os seus filhos sem cessar (Lima, 2012).

Durante os confrontos entre os grupos os Thugs utilizam todo o tipo de armas, ferros, matracas, facas, machados, armas ligeiras.

“As armas as vezes compramos, mas por vezes há guardas nas obras que estão bêbados e nós tiramos as armas”. “Dentro da escola eu consegui uma

arma, alem disso, também criamos as nossas próprias armas, eu sei fazer essa arma, é uma arma que dispara com qualquer tipo de bala, depende só da espessura do tubo.”

Como se pode constatar, a acessibilidade das armas de fogo e não só são muito facilitadas, e ainda mais com mais este problema da produção artesanal de armas de fogo como são conhecidas em Cabo Verde como “boca bedjo”, trata se de uma arma como acima referido de fácil confeção e a sofisticação cada dia mais desenvolvido, e os materiais para os fazer estão ao alcance de todos.

2.3 Efeitos da violência dos média na construção social do fenómeno da delinquência juvenil

A delinquência juvenil é um tema cada vez mais falado na sociedade atual, as notícias sobre a violência praticada por jovens são amplamente divulgadas pelos órgãos de comunicação social e tem um grande impacto na sociedade em geral.

Em Cabo Verde a televisão, a internet, rádio, jornais são considerados os principais meios de comunicação/ informação, pois sendo um meio pequeno, são eles veículos de transmissão de tudo o que ocorre naquele país e também pelo mundo a fora. Ultimamente, um pouco por todo país bastava ligar a televisão ou desfolhar um jornal para encontrarmos diversos relatos referentes a crimes que ocorrem diariamente na capital Cabo-verdiana tornando-se num a sociedade onde o medo e a insegurança imperam.

Assim, estes meios de comunicação podem ainda exercer um impacto positivo como também negativo nas pessoas. No que toca ao lado negativo, ou à influência negativa exercida, não podemos esquecer da violência transmitida todos os dias pelos diversos meios de comunicação. Relativamente aos relatos sobre crimes ocorridos, todos sabemos que a televisão, bem como os jornais, estão repletos de imagens e notícias violentas, que tratando-se de jovens podem induzir a esses comportamentos que podem chegar a práticas delituosas.

Os jornais locais diariamente estampam fotografias de pessoas que perderam a vida vítimas de crimes violentos, bem como a descrição de notícias de vários crimes violentos e estes passam a ser encarados cada vez, com mais naturalidade, tornando-se em algo cada vez mais comum.

Os jovens cabo-verdianos quando o assunto é a influência dos média no comportamento dos jovens, admitem que aquilo que os meios de comunicação transmitem no dia-a-dia, é como se de uma escola de aprendizagem do crime se tratasse. Dão o exemplo de canal televisivo brasileiro onde são transmitidas notícias em tempo real de crimes praticados no Brasil, estimulando assim muitas vezes a violência, pois tentam imitar as técnicas agressivas que vêem. Há um exemplo claríssimo deste facto quando crimes como o sequestro que nunca foram praticados em Cabo Verde começaram a ser cometidos.

Há testemunhos de vários jovens que citam o filme Cidade de Deus como o caminho para a entrada para o mundo da delinquência, pois para além do filme representar muito bem esta problemática da delinquência juvenil, muitos dos jovens apontam o ator “Zé Pequeno” como um espelho, um herói, um ídolo. Há testemunho de um jovem de vinte anos de idade da Cidade da Praia que deu uma entrevista a um jornal local onde começa a entrevista com um trecho do filme onde o protagonista “Zé Pequeno” afirma “ Já fumei, já roubei, já matei”. Na fase da adolescência é fácil a identificação com os personagens, e assim se ele pode eu também posso. Existe desta forma uma probabilidade muito grande dos média influenciarem os jovens na prática destes crimes, pois estes estão mais propensos à imitação.

“Quando se entra nos negócios ilícitos é para sempre.” (Al Capone, citado no Philadelphia Public Ledger, 1929).

Quando se pergunta a esses jovens se compensa estar a viver assim, sem saber o que vai o futuro respondem simplesmente que o crime lhes dá um status social que nenhum emprego lhes daria, sendo que a fama de herói/bandido vai acompanhá-los para onde quer que vão, pois muitas vezes tem oportunidade de aparecerem no jornal da noite, redes sociais, e entrevistas acabando por ganhar ainda mais respeito dos grupos rivais bem como da população em geral. Este tipo de violência afeta todas as ilhas do país, mas na cidade da praia a situação é mais gritante e mais violento.

A influência dos média neste fenómeno dos grupos é de tal forma evidente, que na ótica do sociólogo cabo-verdiano, (Lima, 2014), existem dois tipos de influências: primeiro é a influência dos americanos com a música, o rap, dos filmes, isto antes de 2003, e uma segunda geração se assim pode-se dizer, que é a geração zé pequeno que apareceu depois do tão conhecido filme Cidade de Deus, filme este que fez grande sucesso junto

dos jovens Cabo-Verdianos, e teve uma influência bastante negativa, pois apareceram muitos grupos com nome iguais aos dos filmes nomeadamente o grupo “caixa baixa”.

Capítulo III: Delinquência juvenil- Breve enquadramento Legislativo

3.1 Regime específico dos jovens em conflito com a lei- Legislação

Do ponto de vista jurídico, existe dois tipos de regimes no que respeita a jovens. E são elas a Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo, (147/99 de 1 de Setembro), e a Lei Tutelar Educativa (166/99 14 de Setembro).

A primeira é aplicada quando crianças ou jovens estão em perigo, e estes perigos podem ir desde maus tratos, negligência, abusos, abandono, ou seja, qualquer situação em que os seus direitos, ou bem-estar estão ameaçados. Assim, cabe a esta lei promover e garantir a salvaguarda destes direitos, e importa referir que estão abrangidos por esta lei todas as crianças e jovens que residam ou se encontram em território nacional até os dezoito anos, excecionalmente pode ir até aos vinte e um. Todavia, para o presente estudo o que nos parece pertinente, é a análise da lei tutelar educativa, onde a delinquência juvenil encontra o seu enquadramento legal. À luz deste decreto, a proteção jurídica dos jovens orienta-se pela máxima do bem-estar social, todo o menor que se encontra em situação de desvio necessita de proteção e o estado não faz mais do que educa-lo ou reeduca-lo. Ou seja, a intervenção é feita numa vertente mais educadora, ou corretiva.

A Lei Tutelar Educativa aplica-se a menor com idade compreendida entre os doze e os dezasseis anos, em que praticaram algum fato qualificado na lei como crime. E, quando tal se verifica, são aplicados um conjunto de medidas, denominadas por medidas tutelares educativas no sentido de educa-los para o direito. Estas medidas podem prolongar-se até ao jovem completar vinte e um anos, a partir daí a medida cessa obrigatoriamente. No caso de jovens maiores de dezasseis anos e menores de vinte e

um, estes, são merecedores de legislação especial ou seja, são abrangidos pelo decreto-lei 401/82, de 23 de Setembro, de acordo com este decreto até a data da prática do crime, o jovem tem de ter já completado dezasseis anos e não ter ultrapassado os vinte e um. O presente diploma, ao contrário da Lei Tutelar educativa, em vez de medidas educativas, dispõe de medidas de correção, que são elas admoestação, imposição de obrigações, multa e por fim para casos mais graves, o internamento em centros de detenção.

Retomando as medidas tutelares educativas, importa salientar que estas medidas estão ordenadas segundo o grau crescente da gravidade do ato (artº-4 da LTE). Estas podem ir desde uma simples admoestação, que não é nada mais do que uma chamada de atenção, uma advertência por parte do Tribunal, do conjunto das medidas, esta é a considerada menos limitadora no que respeita a vida do menor, uma outra medida é a privação do direito de conduzir ciclomoteres ou de obter permissão para conduzir ciclomoteres que pode ir de um mês a um ano. Esta é a única medida que pode ser acumulada com as restantes medidas, nomeadamente: a reparação do ofendido, que reporta também a uma medida tutelar educativa que visa um pedido de desculpas ao ofendido ou até uma compensação económica para reparar o dano; a realização de prestações económicas ou de tarefas a favor da comunidade; a imposição de regras de conduta, que podem ir desde não poder frequentar certo local ou meio; a imposição de obrigações que pode ser frequentar um estabelecimento de ensino sujeito a controlo e aproveitamento, a frequência de programas formativos ou seja a participação de alguns programas que podem ser das mais diversas áreas desportivas, educação sexual entre outras; o acompanhamento educativo que consiste na execução de um projeto educativo pessoal e as áreas de intervenção é a que é proposto pelo tribunal, das medidas não institucionais esta é a mais limitadora no que toca a autonomia do jovem, e a duração desta pode ir desde três meses até dois anos e em situações mais graves pode levar ao internamento do jovem num centro educativo, o que implica maior restrição de liberdade e autonomia dos jovens, e esta medida pode ser de carácter institucional ou não institucional, pois as medidas são proporcionais à gravidade do fato e a necessidade de educação do menor para o direito. Importa salientar que estas medidas são aplicadas sempre de acordo com o interesse do menor dando o tribunal preferência as quais se mostrarem mais adequadas e suficiente para a educação do menor para o direito e a sua socialização.

No que respeita à medida de internamento em centros educativos (medida institucional), esta pode abranger três regimes de execução, sendo que a duração da mesma não pode, em caso algum, exceder o limite máximo da pena de prisão prevista para o crime correspondente ao facto. E são eles:

- Regime aberto, onde há uma convivência do jovem ou a criança com o meio social exterior, pois eles são educados no centro educativo mas podem frequentar atividades escolares, laborais, desportivas ou tempo livres fora do centro.
- Regime semiaberto, em que o jovem ou a criança vive e é educado no interior do centro e frequentam todas as atividades educativas e tempo livre no interior do centro, mas as saídas são acompanhadas por pessoal de intervenção educativa, mas sempre que for necessário pode-se pedir autorização para sair sem o respetivo acompanhamento.
- Regime fechado, o qual é reservado aos jovens com idade superior aos 14 anos por se considerar que a partir dos 14 os jovens já tem uma capacidade maior para compreender e participar no próprio processo educativo, aqui como o próprio nome indica, os jovens estão impossibilitados de sair do centro, e no caso de ser preciso sair, só com autorização do Tribunal mediante proposta dos serviços de reinserção social, para saídas sem acompanhamentos por períodos limitados.

As medidas de internamento acima referidas visam proporcionar ao jovem uma interiorização de valores e forma de estar, por via de um afastamento temporário do meio em que estão inseridos, e a duração das medidas de internamento variam de regime para regime. O de regime aberto e semiaberto tem a duração mínima de três meses e a máxima de dois anos, enquanto no regime fechado tem a duração máxima de seis meses e máxima dois anos mas pode ir até os três anos salvo algumas exceções (art.º 18 da LTE). Importa reforçar que, a duração da medida de internamento em centros educativos não pode em caso algum, exceder o limite máximo da pena de prisão prevista para o crime correspondente ao facto praticado pelo jovem.

3.2 Análise comparativa entre a Lei Tutelar Educativa Portuguesa e Cabo-verdiana

Efetuando um estudo comparativo entre estas duas legislações apesar de serem aplicadas em contextos/realidades completamente distintas, são basicamente a mesma legislação com pequenas particularidades. Assim, podemos verificar que, a Lei Tutelar Educativa nº 166/99 de 14 de Setembro, e o Decreto nº 2/2006 que regula as medidas socioeducativas de menores em Cabo Verde, têm como finalidade (re) educar o jovem ou a criança para o direito, respeitando assim as normas impostas pela lei de forma a poder conviver em sociedade de forma saudável, são decretos onde as finalidades são mais de carácter ressocializador do que punitivo, pois o único objetivo é salvaguardar o bem-estar da criança ou do jovem.

A intervenção destas legislações só se verificam quando exista uma ofensa a bens jurídicos fundamentais ou seja, quando se verifica a prática de um facto tipificado na lei como crime, e os seus atores sejam crianças com mais de doze anos e dezasseis anos inclusive.

A LTE Portuguesa entrou em vigor em janeiro de 2001 e a LTE de Cabo Verde só entrou em vigor a Novembro de 2006. Isto porque, a problemática da delinquência juvenil foi um fenómeno que surgiu de rompante na sociedade Cabo-verdiana deixando o medo e a insegurança instalado no quotidiano das pessoas que nela estão inseridas, assim a própria população sentiu a necessidade de solicitar medidas e estratégias urgentes ao governo para dar resposta a este fenómeno. Posto isto, as autoridades governamentais sentiram-se na obrigação de criar estratégias de combate a essa onda de criminalidade começando por aumentar o efetivo policial bem como a criação de dois órgãos de policia técnica, uma especializada em intervenção rápida designado por BAC (Brigada Anti-crime) mostrando-se bastante eficaz nos primeiros tempos de vida, e a seguir a criação do BIC (brigada de investigação criminal) que até então não existia em cabo verde pelo menos com esse enfoque, dando respostas mais rápidas a todo tipo de crime em particular aos praticados por jovens. Pois, aos jovens com idade de responder e responsabilizar pelos ilícitos que cometiam foi um útil e considerado um bom progresso, mas em relação aos que não detêm a tão referida maioria penal o que lhes acontece.

Até então Cabo Verde não tinha como dar resposta a essa problemática e para por fim a essa impunidade, e assim foi obrigado organizar o seu sistema legislativo de modo a criar um decreto legislativo que conseguisse enquadrar essa faixa etária onde os

protagonistas de ilícitos tipificados na lei como crime fossem punidos. O sistema legal referente a crianças e adolescentes penalmente inimputáveis até 2006 ainda vigorava o regime de direitos, liberdades e garantias positivados na Constituição da República de 1992, sentindo que esse sistema tem-se revelado ineficaz no que toca a respostas da atualidade em questões tutelares e educativas com relação a condutas que a lei tipifica como crime quando os agentes sejam menores e que tenham completado doze anos de idade, mas que ainda não tenham atingido os dezasseis onde que raros são os dias que não apareceram nas esquadras menores dentro dessa faixa etária. Substancialmente por essas razões através da Lei nº 3/VI/2006, de 28 de Agosto, o governo obteve autorização da Assembleia Nacional para elaborar e aprovar um novo regime tutelar para menores de idade compreendida entre os doze e os dezasseis anos que sejam agentes de facto qualificado por lei como crime.

Analisando comparativamente estes dois decretos, podemos afirmar que a estrutura e o espírito da lei nelas contidas não têm uma diferença muito significativa. O âmbito da lei e as finalidades das medidas são exatamente iguais. Tratando-se de menores em vez de lhes serem aplicados penas pelos tribunais comuns, são aplicadas medidas tutelares pelos Tribunais de Família e Menores, medidas estas como já foi referido anteriormente, visam a educação do menor para o direito e a sua inserção de forma digna e responsável, na vida na comunidade.

Fazendo uma análise comparativa entre esses dois decretos legislativos podemos observar que, no caso das medidas tutelares educativas, na LTE de Cabo Verde, não há lugar a privação do direito de conduzir ciclomotores ou de obter permissão para conduzir ciclomotores enquanto na portuguesa é considerada como uma medida tutelar que pode ser aplicado a um jovem por um período que pode ir de um mês até um ano (artigo 10º da LTE Portuguesa).

No caso das medidas Tutelares (que como já foi dito anteriormente, podem ser de carácter institucional ou não institucional), a LTE Portuguesa considera apenas o internamento no centro educativo como uma medida institucional, por ser a mais grave aplicável aos jovens pois é a que restringe a liberdade e implica o afastamento temporário dos seus familiares ou do meio em que vive, enquanto a LTE de Cabo Verde exclui apenas a admoestação e a imposição das obrigações como medidas não institucionais, as restantes são todas consideradas como medidas tutelares institucionais.

No que toca a suspensão do processo na LTE de Cabo Verde pode-se decidir pela suspensão do processo quando o facto qualificado como crime punível tenha como pena de prisão de máximo não superior a três anos, e os pais ou representante legal ou quem tenha a guarda de fato do menor apresentem um plano de conduta que evidencie estar disposto a evitar, no futuro, a prática de factos qualificados na lei como crime, enquanto a LTE a suspensão do processo só pode decidir-se quando o fato qualificado como crime onde a pena de prisão não pode ser superior a cinco anos, e o plano de conduta aqui é apresentado pelo próprio menor.

Parte II: Estudo Empírico

“Uma investigação trata-se de um processo de estruturação do conhecimento, tendo como objetivos fundamentais conceber novo conhecimento ou validar algum conhecimento preexistente, ou seja, testar alguma teoria para verificar a sua veracidade, trata se portanto, de um processo de aprendizagem – não só para o individuo que a realiza, mas também para a sociedade em geral” (Sousa & Baptista, 2011).

1. Introdução

Como já foi referido anteriormente, a problemática da delinquência juvenil apesar de suscitar bastante inquietação ou interesse para a população em geral, não é um tema ainda muito desenvolvido em Cabo Verde, no que toca a estudos investigativos/científicos, dada a escassez de publicações neste domínio. Somente alguns estudiosos na matéria, nomeadamente sociólogos daquele país já escreverem artigos sobre o tema, mas nada de concreto no que toca a estudos científicos.

Assim, torna-se pertinente refletir sobre esta realidade, sendo o propósito desta investigação, contribuir para aquisição de novos conhecimentos, e ao mesmo tempo aprofundar algumas questões acerca desta problemática. Neste sentido realizou se o presente estudo propõe se analisar alguns dos fatores psicossociais que podem estar relacionadas com o comportamento delinquente.

Como já foi referido, não é possível analisar e controlar todas as variáveis, pelo que este estudo debruçou-se apenas em algumas, que se entendeu como mais pertinentes, de acordo com o contexto e realidade em estudo. Importa também referir que trata-se de um estudo descritivo, não relacional, onde o objetivo central remete para o aprofundamento do conhecimento das trajetórias de vida dos jovens com comportamentos delinquentes, o conhecimento dos seus comportamentos e a análise dos significados atribuídos por eles, bem como, a identificação de alguns dos fatores individuais, familiares, escolares, contextuais que se encontram na origem dos comportamentos desviantes dos jovens pertencentes a cidade da Praia.

2. Definição dos objetivos

Como já foi referido nos capítulos anteriores, conseguimos averiguar que de facto houve um aumento da criminalidade juvenil em Cabo Verde, e para melhor compreensão desse fenómeno, esta investigação tem como objetivos:

- Analisar os modos e trajetórias de vida dos adolescentes delinquentes Cabo-Verdianos.
- Caracterizar os comportamentos delinquentes adotados por esses jovens e analisar o significado atribuído aos mesmos.
- Identificar alguns fatores individuais, familiares e sociais associados á problemática do comportamento delincente numa amostra de jovens Cabo-Verdianos.

3. Metodologia

O processo de investigação é composto de entre várias outras etapas, pela escolha da metodologia de investigação.

“A metodologia de investigação consiste num processo de seleção da estratégia de investigação, que condiciona, por si só, a escolha das técnicas de recolha de dados, que devem ser adequadas aos objetivos que se pretendem atingir” (Sousa & Baptista, 2011).

Para o presente estudo adotou-se a modalidade de pesquisa qualitativa, pois o que se pretende é a melhor compreensão do fenómeno em estudo. Importa analisar e interpretar o significado que os participantes atribuem aos factos.

Assim, a técnica de recolha de dados para esta investigação foi a entrevista, onde o objetivo principal foi recolher todas as informações e aprofundar todas as questões consideradas essenciais para o presente estudo investigativo.

Desenvolveu-se uma entrevista, onde o objetivo principal consistiu na análise dos fatores que podem influenciar os jovens em Cabo Verde a delinquir, mais concretamente fatores de natureza individual, social ou cultural, bem como a análise do modo de vida e do comportamento destes mesmos jovens.

As entrevistas foram do tipo estruturada, onde numa primeira parte as respostas foram do tipo fechadas e depois abertas dando assim a possibilidade ao entrevistado de exprimir de forma livre a sua opinião, podendo ter-se uma melhor categorização dos dados.

3.1 Amostra

Para a realização das entrevistas foram escolhidas quatro bairros periféricos da cidade da Praia, por serem os bairros mais problemáticos no que diz respeito à delinquência juvenil. Os jovens que responderam à entrevista foram todos aqueles que encontrando-se no local e demonstraram disponibilidade.

A amostra final deste estudo ficou constituída por vinte e cinco participantes, exclusivamente do sexo masculino, com idades compreendidas entre catorze aos vinte sete anos, e pertencentes a quatro bairros periféricos: Achadinha, Achada Santo António (brasil), Meio de Achada, e Várzea.

3.2 Procedimentos

A recolha de dados foi realizada nestes bairros, como já anteriormente foi dito e a realização das entrevistas realizou-se em contexto de rua., antes de começar a entrevista, falou-se com todos os entrevistados sobre o objetivo da própria entrevista, reforçando a ideia que as informações recolhidas nesta pesquisa seriam exclusivamente para fins de investigação e assegurando a confidencialidade dos próprios entrevistados. Procurou-se utilizar um nível de linguagem o mais informal possível, apresentando uma questão de cada vez, pausadamente, para que cada pergunta fosse bem entendida pelos entrevistados. Por diversas vezes notou-se alguma inibição por parte dos entrevistados nas questões de índole mais pessoal, nomeadamente no que toca a questões relacionadas com a família.

Em nenhum momento se estipulou tempo limite para responder às questões, pelo que a duração das mesmas foi aproximadamente de sessenta minutos.

O registo de todas as entrevistas foi realizado em suporte papel, e foram transcritas conforme as próprias palavras dos entrevistados.

Todas as entrevistas decorreram num ambiente bastante cordial, permitindo explorar muita informação, deparou-se com alguns olhares curiosos a volta, mas sem nada a registar.

Terminou-se a entrevista sempre do mesmo modo, agradecendo a disponibilidade e a boa vontade dos entrevistados, e reforçando a ideia que os dados recolhidos serão apenas utilizado para estudo em concreto.

3.3 Instrumentos:

Para a realização da investigação, elaborou-se um guião de entrevista como já acima referido, com o objetivo principal de ajudar o investigador a ouvir o entrevistado, estruturada com questões que permitiram recolher dados sobre os fatores individuais, familiares e sociais, que podem ter ou não influência no aumento da criminalidade no seio da juventude na sociedade cabo-verdiana.

O guião de entrevista (anexo 1) é constituído por quatro partes, a primeira é onde estão incluídos os dados sociodemográficos (idade, estado civil, escolaridade, filhos, residência); a segunda parte diz respeito a questões relacionadas com o contexto familiar, (características estruturais do agregado familiar, número de elementos e as respetivas relações familiares), a terceira refere-se ao percurso escolar, (nível de escolaridade, problemas de indisciplina e insucesso escolar) e a quarta e ultima parte, diz respeito ao contexto social, (meio social onde estão inseridos, trajetória criminal no sentido de perceber se já tiveram contacto com o sistema judicial, natureza dos crimes, o fenómeno dos grupos).

4. Apresentação e Análise de Resultados

Como já foi atrás referido, o presente estudo tem por objetivos: analisar o modo e as trajetórias de vida dos adolescentes delinquentes; caracterizar os seus comportamentos e os significados que atribuem em relação a estes mesmo atos, e ainda, identificar alguns dos fatores associados à problemática do comportamento delinquentes destes mesmos jovens.

Neste sentido, foi realizada uma entrevista estruturada que abarcou quatro grandes áreas, primeiramente reuniu-se as informações relativamente aos dados sociodemográficos, ou seja dados que permitiam obter dados como a idade, o estado civil, a escolaridade, filhos, a residência. A segunda área diz respeito ao contexto familiar, ou seja, as características estruturais do agregado familiar, número de elementos e as respetivas relações familiares, momentos que estão com a família, o tipo de ambiente familiar, a terceira parte analisou-se o percurso escolar, ou seja, o nível de escolaridade, problemas de indisciplina e insucesso escolar, e a quarta e última parte diz respeito ao contexto social, ou seja, ao meio social onde estão inseridos, trajetória criminal no sentido de perceber se já tiveram contacto com o

sistema judicial, natureza dos crimes, o fenómeno dos grupos, se existe uma elevada percentagem de indivíduos que têm um historial no consumo de drogas e álcool, assim como as suas respetivas famílias, se existe relação entre a delinquência e o convívio com o grupo de amigos.

De seguida apresentam-se os dados descritivos referentes às quatro áreas de estudo acima referidas:

- **Informação Sociodemográfica:**

Quanto aos dados sociodemográficos, no conjunto de vinte e cinco indivíduos que constituem a amostra, as idades variam entre catorze e os vinte sete anos inclusive, sendo que a média de idades dos indivíduos entrevistados é de 18,2 anos de idade.

Relativamente ao local de residência dos entrevistados, dos vinte e cinco, 16% habitam no Meio de Achada, 24% residem no bairro da Achada de Santo António (Brasil), 28% na Várzea, e 32% em Achadinha.

A totalidade dos entrevistados são do sexo masculino, solteiros, e em relação a filhos apenas dois dos entrevistados tinham filhos.

- **Contexto Familiar:**

Quanto às questões relativas ao contexto familiar, no que diz respeito à estrutura do agregado familiar, 52% correspondem a famílias monoparentais, sendo que 4% coabitam com progenitor masculino, e os restantes 48% com a mãe. No entanto 28% vivem com os pais, 8% com pai mãe e avós, 8% só com avós, e 4% com outros. Na generalidade, os agregados familiares não são numerosos, variando entre um mínimo de três e máximo de oito elementos. No que concerne à atividade profissional dos encarregados de educação, pelo menos um exerce uma atividade profissional, mas marcado sempre pela precariedade laboral, pois normalmente quando são as mães encarregadas de educação, ou elas trabalham como internas ou vendedoras ambulantes, e os pais ou trabalham nas obras ou vivem da pesca. Na generalidade não têm um vínculo profissional estável e uma pequena maioria revela estar em situação de desemprego de longa duração.

Quanto ao ambiente familiar do conjunto dos entrevistados, 60% considera ter um bom ambiente familiar, 36% um mau ambiente, e 4% péssimo.

A maioria dos entrevistados referem a existência de momentos partilhados com a família nomeadamente, as refeições, o visionamento de televisão e convívios aos fins-de-semana são feitas com alguma frequência.

Relativamente às problemáticas familiares com maior incidência aparece a questão da violência intrafamiliar, sendo que 80% dos entrevistados, refere que já vivenciaram problemas do género. As vítimas são maioritariamente as mães que sofrem esse tipo de violência por parte dos respetivos maridos, e muitas vezes também contra os filhos.

No que diz respeito ao consumo de substâncias (i) lícitas, por parte dos familiares, verifica-se que 96% dos entrevistados confirmam que existem registos de consumo de álcool pelo menos por parte de um dos progenitores, e 4% dizem não terem no seio familiar problemas desta natureza.

Em relação à supervisão parental, 48% dos entrevistados relatam que os pais demonstram preocupação em relação aos mesmos, 32% demonstram uma falta de interesse, e 16% dos entrevistados expressam que os pais apenas preocupam-se quando estes têm comportamentos desajustados.

Do total dos entrevistados, 32% que afirmam que os pais têm uma falta de preocupação com eles. Estes jovens estão entregues a si mesmo, fazem o que querem como querem e quando querem. Esta falta de interesse dos pais reduz-se à falta de tempo por parte dos progenitores pois estes trabalham mais do que oito horas diárias.

- **Percurso Escolar:**

Em relação ao percurso escolar, verificou-se que 84% dos entrevistados já se encontra fora do contexto escolar, e apenas 16% encontram-se à data da realização da entrevista, ainda a estudar. Quanto ao nível de escolaridade, verificou-se que o nível mais baixo dos entrevistados é o quinto ano e o mais alto décimo primeiro ano.

Importa referir, que o grau de escolaridade na realidade em estudo é diferente da realidade portuguesa, pois em Cabo Verde a escolaridade vai da primeira classe até a sexta classe (que é referente ao primeiro ano e ao sexto ano em Portugal), e depois transita-se para o sétimo ano até decimo segundo.

O absentismo escolar, bem como problemas disciplinares é transversal ao percurso de todos os jovens que integram a amostra, sendo que 100% dos entrevistados confirmam ter já problemas de indisciplina no meio escolar, nomeadamente, atitudes de oposição, desobediência em relação às figuras de autoridade dentro do meio escolar, e essas situações, de forma direta ou indiretamente contribuíram para o abandono escolar.

O desinteresse escolar e a falta de motivação também são apontados por estes, como principal motivo pelo insucesso escolar e/ou abandono escolar, e verifica-se também que a maioria dos entrevistados já perderam o ano pelo menos uma vez derivados a essas situações.

E uma pequena percentagem dos entrevistados justifica o abandono escolar com a falta de meios/recursos económicos dos familiares.

- **Contexto Social:**

De forma a perceber o contexto social em que estão inseridos os jovens que participaram neste estudo, começou-se por perguntar aos entrevistados se gostam de viver nos seus bairros. A maioria dos entrevistados disse que gosta e quando questionados sobre a razão, a resposta é quase unânime: gostam porque foi ali que cresceram, ali é que tem os amigos, vizinhos, e onde se sentem bem. Quanto ao percurso criminal dos entrevistados, foi questionado se alguma vez tiveram algum tipo de problemas ou contacto com a justiça, se já estiveram alguma vez ou não detidos, a natureza dos crimes praticados o contexto dos mesmos, e uma eventual associação ao consumo de substâncias (i) lícitas. De acordo com as informações recolhidas no decorrer das entrevistas, foram identificadas um conjunto variado de crimes praticados por jovens ao longo do tempo, nomeadamente, crimes contra a integridade física, ameaças, participação em rixas, tráfico de estupefacientes, porte de armas proibidas (brancas e de fogo), crimes contra a propriedade em geral, roubos, e furtos.

Quando questionados, se já estiveram envolvidos em situações de conflitos, quer na posição de agressor, quer como vítima a maioria diz que sim. Os motivos destes comportamentos é porque já foram agredidos e apenas responderam à agressão.

No que respeita às detenções, 68% dos entrevistados responderam afirmativamente, enquanto 32% refere nunca ter sido detido. Para ajudar a compreender a situação criminal vivenciada na cidade da Praia, abaixo apresenta-se um quadro relativo a crimes praticados por jovens daquela cidade. Do ponto de vista criminal, os dados referentes a crimes praticados por jovens da cidade da Praia nos últimos doze anos é algo bastante alarmante.

Relativamente ao consumo de substâncias (i) lícitas o consumo do álcool é referido como algo frequente, em relação as drogas 100% refere ter já feito o consumo, quanto a frequência dos consumos, ela é feita maioritariamente no grupo de amigos, e quanto ao tipo verifica-se uma maior ocorrência de consumo ervas (charros) e algum de haxixe, Ecstasy, e cocaína.

Questionados os jovens sobre o aumento da violência ou criminalidade entre os jovens, a maioria concorda com o aumento bem como casos que acontecem dentro dos próprios bairros, concordam de facto houve um aumento significativo do envolvimento dos jovens a situações de violência, e atribuem a culpa ao governo, a falta de emprego e ocupação dos tempos livres,

falta de interesse para com os jovens, são situações que levam os mesmos a prática ou envolvimento em crimes.

E a maioria vivencia essas situações dentro do próprio bairro, relatam situações de conflito com grupos rivais pertencentes a outros bairros, problemas internos do próprio bairro com vizinhos e ainda com a polícia, e justificam esse envolvimento sempre do mesmo modo ou seja envolvem em essas situações sempre porque foram atacados anteriormente.

No total os entrevistados, 96% afirmam já ter algum envolvimento em situações de violência, e 4% nunca ter envolvido em alguma dessas situações.

Quando questionados se pertencem a algum grupo de jovens delinquentes, 80% dos entrevistados afirma pertencer à data da realização da entrevista a um grupo, e 20% não pertencem a qualquer grupo. A maioria dos entrevistados diz que futuramente pretendem continuar a pertencer grupo em que estão, e muitos deles só saem deles mortos ou presos.

No que refere a importância do grupo, a maioria dos entrevistados refere que gosta de estar com eles, há uma cumplicidade entre eles, fazem diversas atividades juntos, mas o que se verificou na generalidade dos grupos é um forte sentimento de pertença. Muitos consideram o grupo como porto de abrigo, fonte de compreensão, onde não há lugar a julgamentos, no fundo local onde sentem-se melhor do que a própria família. São simplesmente aceites e compreendidos.

“o meu grupo vale mais do que a minha própria família, no grupo sou compreendido e respeitado”.

Relativamente à atitude face a projeção face ao futuro, aqui a intenção foi procurar captar as expectativas futuras criadas por estes jovens. Os entrevistados revelaram algumas intenções a nível profissional mas também nas realizações de sonhos, mas houve alguns que não sabiam ou não tinham determinado qualquer tipo de projeto de vida para o futuro.

5. Discussão de Resultados

Sabe-se que a tentativa de compreensão da delinquência juvenil tem sido objeto de diversas discussões e teorias explicativas, de modo que se torna cada vez mais urgente compreender e intervir junto dos jovens de modo a tentar diminuir os seus efeitos na sociedade.

Assim, retomando os objetivos centrais do presente estudo, partiu-se para esta investigação com o objetivo principal de analisar o modo de vida bem como as trajetórias de vida dos jovens cabo-verdianos, e compreender a importância que estes jovens dão aos comportamentos delinquentes adotados por eles, e ainda identificar os fatores de risco que podem estar associados à problemática da delinquência juvenil em Cabo Verde.

Encontrados os resultados do estudo, cabe agora fazer a discussão dos mesmos, devendo salientar-se que se trata de um estudo exploratório, sendo que a amostra é bastante diminuta e por isso não pode ser considerada representativa da população em foco, pelo que se procede a algumas reflexões sobre os resultados obtidos neste estudo.

Numa análise detalhada das entrevistas realizadas aos jovens da cidade da Praia, obteve-se resultados relativos a quatro áreas, nomeadamente, aspetos sociodemográficos, aspetos familiares, sociais, comportamentais.

Acerca do contexto familiar, verifica-se que a maioria dos jovens pertenciam a um agregado familiar do tipo monoparental, não há uma presença efetiva do pai e da mãe no seio familiar destes jovens, pois apenas 28% da amostra afirma viver com os pais. Verifica-se que 48% dos jovens vive apenas com a mãe ou com o pai, sendo as trajetórias familiares em relação a nossa amostra marcadas por situações de rutura, ausência ou abandono por parte de um dos progenitores.

Quanto ao ambiente familiar, 60% dos entrevistados define este ambiente como bom, 36% afirma ser mau e 4% péssimo. Dos 60% que afirma ter um ambiente familiar bom, no decorrer da mesma entrevista relataram a existência de problemas relacionados com a violência doméstica (a presença de violência no seio familiar como foi dito anteriormente constitui um fator de risco associado à delinquência), consumo de álcool e drogas e contacto com a Polícia. Relatam igualmente a falta de supervisão dos pais, principalmente no que toca a assuntos relacionados com a escola ou com a ocupação de tempos livres. Os pais não se preocupam com o que os filhos fazem durante o dia, ou onde estiveram, remetendo como já

foi já foi documentada na revisão da literatura sobre o risco familiar para o facto da ausência ou a falta de supervisão dos pais estar intimamente associada com a delinquência na adolescência. Muitas vezes a falta de uma figura masculina tem consequências graves a nível da trajetória dos jovens, muitos autores já explicaram a importância de uma figura masculina, pois para muitos destes jovens, talvez o que faltava é o modelo de pai em casa, um pai carinhoso, atencioso, preocupado.

Relativamente ao contexto escolar, o baixo nível de escolaridade dos entrevistados é uma característica notória. A grande maioria dos entrevistados já não estuda, e eles têm uma forma negativa de ver a escola, pois demonstram uma falta de motivação. A totalidade dos entrevistados relatam que têm ou já tiveram problema de indisciplina no seio escolar, atitudes de desobediência ou oposição a regras impostas pelos professores ou profissionais que trabalham nas escolas.

- “tinha alguns problemas com alguns professores e eles não me deixaram passar de ano”

- “já não queria ir mais a escola”

No presente estudo a maioria dos entrevistados, refere já ter reprovado alguma vez no seu percurso escolar, sendo que os motivos ou são problemas de indisciplina ou dificuldades de aprendizagem, são os que mais visíveis. Normalmente o aluno que abandona a escola é porque já não tem qualquer interesse pela escola em si, nem por quem o ensina. O pouco que frequenta a escola é para estar com os amigos pelo convívio, ou seja a escola deixa de ser o lugar onde se vai aprender, formar, educar, transformou-se num local de convívio.

O insucesso escolar bem como o abandono escolar, como muitos autores já defenderam, são tidos como fatores de risco para a delinquência (Farrington, 2009). Assim o baixo rendimento escolar, problemas com indisciplina ou um ambiente escolar negativo, sentimentos negativos em relação à escola (aborrecimento, falta de utilidade, não gostar dos professores, não gostar da escola), podem ser também levar os jovens a adotarem comportamentos delinquentes. O contexto escolar é avaliado sempre de forma negativa por parte dos jovens, como já foi referido anteriormente, devido à falta de motivação, absentismo, problemas de indisciplina, desistência e dificuldades em aprendizagem.

Importar referir como já foi salientado no capítulo da contextualização da problemática da delinquência juvenil em Cabo Verde, que das crianças que abandonaram a escola, 34% foram por falta de meios, 32% por falta de interesse (Quibb-cv,2006, p.5).

Estes factos são particularmente relevantes, uma vez que o abandono escolar representa sempre um fator de risco para os adolescentes.

Após a análise dos problemas afetos ao contexto escolar, segue-se o contacto com o consumo de substâncias (álcool/drogas).

No que respeita ao álcool, tal como foi referido anteriormente, Cabo Verde a nível da indústria do álcool disponibiliza bebidas a baixo custo, com vários pontos de venda, onde a cerveja e o ponche são os mais comercializados devido ao seu baixo custo, e isso reflete no seu alto nível consumo, pois estes são os eleitos entre a camada juvenil e ainda a facilidade com que têm acesso as bebidas alcoólicas, pois os bares, os postos de combustíveis, as mercearias dos bairros tem todos ao seu dispor um leque variados de bebidas e o baixo custo. Assim todos os entrevistados quanto ao consumo do álcool e das drogas, a maioria refere já ter consumido drogas. Estes consumos acontecem maioritariamente quando estão com os amigos e com alguma frequência, sendo que as substâncias mais consumidas são a cannabis, a cocaína e ecstasy. Estas substâncias no geral são avaliadas de forma positiva por estes, pois afirmam que o consumo é feito a maioria das vezes quando estão com os amigos e tanto o álcool como as drogas ajudam a ultrapassar problemas do quotidiano e não só. Referem que as drogas acima referidas são as mais consumidas, pois estas são consideradas por eles como drogas de efeito rápido, provocam euforia, excitação, autoconfiança, ou seja, a intenção principal é a obtenção de flash de adrenalina para as “missões”, por isso drogas mais pesadas como a cocaína e heroína apesar de o seu consumo trazer como efeito a excitação, euforia, sensação de onipotência, um aumento inexplicável de energia, não são drogas muito utilizadas pois estas causam dependência e isso para eles, como afirmam, para as missões não é de todo benéfico.

Quanto à situação do aumento da violência e/ou criminalidade na sociedade cabo-verdiana, os entrevistados todos afirmam notarem um aumento substancial de crimes que são praticados, a sua maioria por brigas entre jovens de bairros diferentes, bem como assaltos, uns dão entender que a situação já está muito mais calma e outros atribuem a culpa desses mesmos acontecimentos ao governo e à situação de pobreza e desigualdade em que o país se encontra.

Relativamente à vinculação social dos jovens entrevistados é bastante forte, um sentimento de pertença muito grande no que toca ao meio onde estão inseridos, quase a totalidade dos entrevistados refere que gostam muito de pertencer aos bairros residem e os motivos são

unânicos, porque é o lugar onde nasceram cresceram, onde têm os familiares, amigos e vizinhos, e o ambiente é bom apesar destes residirem num local onde o nível socioeconómico é baixo, há uma maior relação de proximidade com a vizinhança.

Pode-se verificar, quanto à situação criminal dos entrevistados, no que diz respeito ao envolvimento destes em situações de comportamentos delinquentes 96% dos entrevistados afirmaram à data da realização da entrevista, já ter participação em algumas situações (violência, conflitos entre jovens de outros bairros, assaltos ou roubos).

-“sim, assaltos à mão armada, envolvimento em brigas, posse ilegal de armas, brancas principalmente”

O envolvimento dos jovens nessas situações é explicada/justificada por eles da mesma forma, é quase unânime, “nós só atacamos porque eles (jovens de bairros rivais) atacam ou o nosso grupo ou algum elemento do nosso grupo quando encontrado sozinho”. Raramente estes se referem como implicados voluntariamente em atos transgressivos, sempre atacam porque foram anteriormente atacados.

Em suma, a realização deste estudo permitiu, através do relato dos entrevistados, conhecer as trajetórias desviantes destes jovens, nomeadamente no âmbito familiar ou seja a vinculação familiar bem como o contexto onde estão inseridos, o percurso escolar, os grupos de pertença, os comportamentos delinquentes ou desviantes adotados por estes jovens, consumo do álcool e das drogas.

6. Conclusão

É um facto que a problemática da delinquência está cada vez mais na ordem do dia e é alvo de preocupação social, dada as suas consequências para a saúde física e mental dos jovens e para a sociedade. Em Cabo Verde esta realidade tem assumido, nos últimos anos, dimensões particularmente preocupantes. Adicionalmente e tal como já foi referido ao longo da presente dissertação, esta problemática tem sido objeto de diversos estudos que visam pois a procuram compreender os determinantes deste fenómeno e contribuir para a definição de políticas e práticas de intervenção neste domínio.

Por se tratar de uma fase conturbada na vida de um individuo, como já foi tido a adolescência é um período marcado por alterações desde o nível físico, familiar, afetivo psicológico, mas também é nesta fase que o adolescente reforça os laços com grupo de pares (amigos), define o seu projeto de vida, e o sucesso ou o insucesso desta fase é pode determinar ou explicar grande parte do fenómeno da delinquência juvenil.

No decorrer deste estudo foi visto que as causas da delinquência juvenil podem ser encontradas em diversos fatores, e estes constituem os denominados fatores de risco que como também já foi dito são aqueles que podem originar comportamentos antissociais, e podem ser eles de carácter individual, social, e escolar, área de residência onde estão inseridos.

No que toca a análise desses fatores de risco, e considerando os resultados obtidos no presente estudo os que mais se destacaram foram as fracas vinculações afetivas com respeito à família, a desestruturação familiar e por consequência falta de supervisão parental, ainda questões ligadas ao consumo de álcool e drogas dos familiares. De realçar igualmente os fatores escolares, e o meio onde estão inseridos os jovens, zonas vulneráveis onde a pobreza, e questões inerentes a ela constituem igualmente fatores que proporcionam a delinquência e que se encontram retratados neste estudo.

Durante o período da adolescência fazem-se escolhas, e são estas escolhas que determinam o caminho que cada um vai seguir, se a escolha for para a prática de comportamentos de risco, há que levar em conta as consequências e saber que elas podem repercutir ao longo de toda a vida.

Ao analisar esta problemática, parece fulcral e urgente prevenir, e intervir junto aos jovens na sociedade de modo que tais comportamentos não continuem na vida adulta. Para tal é

necessário reunir esforços de todas as áreas de saber a fim de intervir atempadamente com o intuito de diminuir este fenómeno. Para que assim seja, parece importante dotar as famílias com competências para educar e transmitir valores, desenvolver ou criar programas de informação e formação próprios para pais com dificuldades na gestão das suas práticas educativas.

Neste sentido, é igualmente fundamental incentivar uma mudança de estilo de vida e comportamentos adotados pelos jovens. Torna-se necessário apoiar os jovens tidos como delinquentes na criação de projetos de vida ou profissionais, de forma a incentivar a mudança do próprio jovem, fazer uma prevenção no que toca a diminuição do consumo do álcool e drogas, abandono escolar, ações que na sua articulação podem contribuir para diminuir a taxa da delinquência juvenil.

E finalmente, para que de facto este fenómeno diminua, há que criar uma rede bem estruturada de profissionais capacitados de várias áreas disciplinares e instituições (as escolas, os hospitais, a polícia, as câmaras municipais, associações comunitárias, institutos de reinserção social), de forma a potenciar a articulação das intervenções neste domínio contribuindo para uma política integrada de prevenção de delinquência juvenil.

É igualmente necessário apostar mais em investigações que contribuam para aprofundar os conhecimentos no que respeita à problemática da delinquência juvenil, pois uma das principais dificuldades encontradas no que respeito a realidade cabo-verdiana foi a ausência de trabalhos publicados neste domínio. Por último, e apesar das limitações do estudo realizado no âmbito desta dissertação, o caminho percorrido constitui um ponto de partida para futuras investigações neste domínio e certamente uma aprendizagem que tratará importantes mais-valias para a prática profissional futura que se pretenda desenvolver nesta área.

Referências Bibliográficas

Agra, C., (1998). *Entre Droga e Crime*. Lisboa: Ed. Notícias.

Agra, C., & Matos, A. (1997). *Trajetórias desviantes*. Lisboa, Ministério da Justiça

American Psychiatry Association. *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders DSM- 5TM*.ed. Washington: American Psychiatry Association, 2013.

American Psychiatry Association, DSM-V, <http://www.dsm5.org/> página consultada em 12 de Dezembro de 2014.

Benavente, R. (2002). *Delinquência juvenil: Da disfunção social à psicopatologia*. Análise Psicológica.

Born, M. (2002). *Continuité de la délinquance ente l'adolescence et l'age adult*, Criminologie, 35 (1), p. 53-67.

Born, M. (2005). *Psicologia da delinquência*. Lisboa: Climpsi editores.

Blogue *Bó ki ta dissidi*, página consultada em 13 de janeiro de 2014. (<http://bokitadisidi.blogspot.pt>)

Carvalho, M. (2003). *Entre as malhas do desvio - Jovens, Espaços, Trajetórias e Delinquências*. Oeiras: Celta Editora

Cohen, A. (1971). *Delinquent Boys: the culture of the gang*. New York: University of Chicago Press.

Cusson, M. (2002). *Criminologia*. Cruz Quebrada, Casa das Letras.

Cusson, M. (2007). *Criminologia*. (2.^a Ed.). Cruz Quebrada: Casa das letras

Decreto-Lei nº 401/82, de 23 de Setembro.

Dias, J. & Andrade, M. (1997). *Criminologia: O Homem Delinquente e a Sociedade Criminógena*. Coimbra: Coimbra Editora

- Doron, R. & Parot, F. (2001). *Dicionário de Psicologia*. Lisboa: Climepsi Editores
- Farrington, D. P. (2009). *Conduct Disorder, Aggression, and Delinquency*. In R. M. Lerner & L. Steinberg (Eds), *Handbook of Adolescent Psychology, Vol. 1: Individual bases of adolescent development* (pp.683-722). New Jersey: John Wiley & Sons.
- Ferreira, P. (1997). *Delinquência juvenil, família e escola*. Análise Social.
- Ferreira, Pedro Moura (2000), *Controlo e Identidade: A não Conformidade durante a adolescência*” Revista de Sociologia, Problemas e Práticas.
- Ferri, E. (1905). *La sociologie criminelle*. Paris: Alcan.
- Fieldman, R., Olds, S., & Papalia, D. (2001). *O mundo da criança*. New York: Mc Graw Hill.
- Glick, Leonard (1995), *Criminology*, United States of America, Allyn and Bacon
- Governo de Cabo Verde, www.gov.cv, www.governo.cv/, página consultada em 25 de Março de 2013.
- Herrera, V. M. & McCloskey. L. A. (2001). *Gender differences in the risk for delinquency among youth exposed to family violence*. *Child Abuse and Neglect*, 25, 1037-1051.
- Hirschi, T. (1969). *Causes of Delinquency*. Califórnia: University of Califórnia Press.
- Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde (2006), página consultada em 25 de Fevereiro de 2014, www.ine.cv.
- Jessor, R.; (1992) *Risk Behavior in Framework for Understanding and action Developmental Preview* 12 374-390).
- Jessor, R., Van Den Boss, J., Costa, F., & Turbin, M. (1995). *Protective factors in adolescent problem behavior: moderator effects and developmental change*. *Developmental Psychology*.
- Joana Barra da Costa e Sérgio de Araújo Soares. *O Gang e a Escola- Edições Colibri* 2002.
- Jornal A Semana, www.jornalasemana.cv, página consultada em 13 e 21 de Fevereiro de 2014
- Jornal On-line Expresso das ilhas www.expressodasilhas.cv, página consultada em 5 de Abril de 2014.
- Jornal On-line Infopress, <https://www.inforpress.publ.cv/>, página consultada em 7 de Fevereiro de 2014
- Kazdin, Alan E., Buela-Casal Gualberto, (2001). *Conduta Anti. Social. Avaliação, Tratamento e Prevenção na Infância e na Adolescência*.

Lei nº 166/99 de 14 de Setembro. Lei Tutelar Educativa (LTE) - Ministério da Justiça

Lei Tutelar Educativa nº 2/2006 de 27 de Novembro. Decreto Legislativo de Cabo Verde
. (LTE-CV)

Lei nº 147/99 de 1 de Setembro. Lei de Proteção a Crianças e Jovens em Perigo

Levisky, D. L. Adolescência e Violência: Ações Comunitárias na Prevenção. São Paulo casa do Advogado, 2007.

Lima, R. W. (2012). *Bairros desafiados e delinquência juvenil: o caso do bairro da Achada Grande Trás*. In: Silva, M.; Pina, L.; Monteiro Jr., P. (Orgs.), Estudos em Comemoração do Quinto Aniversário do Instituto Superior de Ciências Jurídicas e Sociais. II Volume. Praia: ISCJS, p. 123-151.

Lima, R.W. (2012). “Delinquência juvenil coletiva na Cidade da Praia: uma abordagem diacrónica”. In: Pureza, J.M.; Roque, S; Cardoso, K. (Orgs.), *Jovens e trajetórias de violências. Os casos de Bissau e da Praia*. Coimbra: Almedina/CES, p. 57-82.

Lima, R.W. (2014). “Thugs: violência juvenil urbana tribalizada”. In: Lienhard, M. (Ed.), *La ciudad, los jóvenes y la droga / A cidade, os jovens e a droga*. Madrid-Frankfurt: Iberoamericana-Vervuert, no prelo.

Lúcio, Á. Sá, T., Caetano, M., Lucas, A & Silva, F. (2001). *Marginalidade, Risco e Delinquência*. (1ª ed.) Caldas da Rainha, Livraria Nova Galáxia.

Merton, R.K. Social Structure and Anomie. American Sociological Review, V. 3, issue 5, pp. 672-682.

Ministério de educação de Cabo Verde, www.minedu.gov.cv/, página consultada em 14 de Janeiro de 2014

Mirin, S. M., Weiss, R. D., Griffin, M. L., & Michael, J. L. (1991). *Psychopathology in drug abusers and their families*. Comp Psychiatry, 32 (1), 36-51.

Moffitt, T. (1993) *Adolescence-Limited and Life-Course. Persistent Antisocial Behavior: A Developmental Taxonomy*. Psychological Review 100, 674-701

Moffitt, T.E e Caspi, A. (2000). *Comportamento anti-social persistente ao longo da vida e comportamento anti-social limitado á adolescência: seus preditores e suas etiologias*. Revista Portuguesa da Pedagogia, 34 (1.2 e3), 65-106.

Negreiros, J. (1990). *Comportamentos desviantes*. Psicologia do desenvolvimento e educação de jovens. Lisboa: Universidade Aberta.

Negreiros, J. (1997). *Relação entre o consumo de álcool e drogas e comportamentos antissociais nos jovens*. Toxicodependências, 4, 51-57

- Negreiros, J. (1998). *Menores e delinquência: Que intervenção?* In J.M. Vidal (Coord.), *O Direito de Menores: Reforma ou Revolução*. Lisboa: Edições Corvos.
- Negreiros, J. (2001). *Delinquências Juvenis (1ª ed.)* Lisboa: Notícias Editorial.
- Negreiros, J. (2008). *Delinquências Juvenis: Trajetórias, Intervenções e Prevenção*. Porto: Livpsi Ed.
- Negreiros, J. (2010). *Definições do conceito de delinquência juvenil (Apontamentos da aula I-Delinquência Juvenil)*. Porto: FPCEUP.
- Norman A. Sprinthall, W. Andrews Collins (1998)- *Psicologia do Adolescente (2ª Edição)*.
- Polícia Nacional de Cabo Verde www.policianacional.cv, página consultada em 14 e 27 de Março de 2014.
- Questionário Unificado de Indicadores Básicos de Bem-Estar dos Cabo-Verdianos (2006).
- Goncalves, R. A (2008), *Delinquência, Crime e Adaptação à Prisão, (3ª Ed Revista)*.
- Sá, T. (2001) - *Desvio e a Norma: A Perspetiva Sociológica. In Marginalidade, Risco e Delinquência*. (1ª Ed.) Caldas da Rainha: Livraria Nova Galáxia.
- Seixas, M. (2009). *Proteção, Punição e Vazio. In G. Amaral (coord.), Justiça e Delinquência*. Porto: Fronteira da Caos Editores, Lda.
- Shaw, C. R., & McKay, H. D., (1942). *Juvenile delinquency and urban areas*. Chicago: University of Chicago Press.
- Silva, A. (2010). *Estudo neuropsicológicos em adolescentes institucionalizados*. Porto: ICBAS-UP.
- Simões, M. C. (2007). *Comportamentos de Risco na Adolescência*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Sousa, M. J., Baptista, C. S., (2011), *Como fazer Investigação, Dissertações, Teses e Relatórios*, (3ª Edição).
- Strecht, P. (2006). *Olha por mim: Reflexões sobre temas da infância e adolescência*. Lisboa: Assirio & Alvim.

Teorias e Modelos do comportamento violento, Infernonaterra.blog.com/.../teorias-e-modelos-do-comportament-violento/, página consultada em 22 de maio de 2013

Teoria de Hirshi, http://.wikipedia.org/wiki/Travis_Hirshi, página consultada em 24 de junho de 2013.

Teixeira, J. (2004). *Fatores de Risco e Fatores de Proteção de Comportamentos Delinquentes em Adolescentes do Grande Porto*. Artigos, 6,9-15.

Webster Stratton, C. Handcock, L. (1998). Training for parents of young children with conduct problems: Contents, methods and therapeutic process, In G. E. Schaefer & J. M. Breismeister (eds.) *Handbook of Parent Training* (pp98-152). New York; John Wiley

Weine, IB. (1995). *Perturbações Psicológicas na Adolescência*. Lisboa: Fundacao Calouste Gulbenkian.

Weiner, Irving B (March 1983) *Child and Adolescent Psychopathology*, Journal of American Academy of Child & Adolescent Psychiatry. (journals.lww.com) Retrieved 2009-08-18.

ANEXOS

Anexo 1- Entrevistas dirigidas a jovens da Cidade da Praia

